

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maternidade Escola

Curso de Especialização em Atenção Integral à Saúde Materno Infantil.

Monografia de Conclusão de Curso:

**Significados e dilemas do exercício da paternidade entre pais em um hospital pediátrico
no Rio de Janeiro**

Aline de Carvalho Martins

- Aluna -

Maria Luiza de Carvalho

- Orientadora -

Rio de Janeiro, maio de 2007

ACM
MAN
ACM
2007

UFRJ
MATERNIDADE ESCOLA
BIBLIOTECA DE REZEMOS
N. ADM 729514
N. SISTEMA 729514
CÓD. BARRA



Resumo (OK)

Martins, Aline de Carvalho.

Significado e dilemas do exercício da paternidade entre pais em um hospital pediátrico no Rio de Janeiro/ Aline de Carvalho Martins. - Rio de Janeiro: UFRJ/Maternidade Escola, 2007.

78f.; 31 cm.

Orientador: Maria Luiza de Carvalho.

Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) – UFRJ/ Maternidade Escola/ Curso de Especialização Atensão Integral à Saúde Materno-Infantil 2007.

Referências Bibliográficas: f. 68-72

1. Paternidade. 2. Pai. 3. Cuidados com as crianças.

I. Carvalho, Maria Luiza de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maternidade Escola. III. Título

**Significados e dilemas do exercício da paternidade entre pais em um hospital pediátrico
no Rio de Janeiro**

Aline de Carvalho Martins

Orientadora: Maria Luiza de Carvalho

Monografia de finalização do curso de especialização em nível de Pós-Graduação: Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil da Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título: **Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil.**

Aprovada por:

_____ RG: _____

Prof. Convidado: Dra Luciana Patrícia Zucco

_____ RG: _____

Prof. Orientador: Psicóloga Maria Luiza de Carvalho

Rio de Janeiro, junho de 2007

Agradecimentos

À Maternidade Escola da UFRJ, por me proporcionar um amadurecimento teórico importante através da realização deste curso.

Às professoras Luciana Patrícia Zucco, Maria Magdala Vasconcelos de Araújo Silva e Ludmila Fontenele Cavalcanti, pelo carinho em receber, acolher e incentivar minha pesquisa, quando o tema já me era instigante.

À Maria Luiza de Carvalho, pela disponibilidade em orientar este trabalho quando o mesmo já havia sido iniciado, pelas discussões e correções, mesmo em meio à finalização do seu doutorado.

À minha família pelo compromisso, responsabilidade, ética e caráter que cultivaram em mim e pelo estímulo ao meu desenvolvimento pessoal, teórico e profissional.

Resumo:

O presente trabalho apresenta os resultados finais de uma pesquisa qualitativa sobre paternidade a partir da ótica de seis pais (homens) cujos filhos foram submetidos a cirurgias em um hospital materno-infantil público de alta complexidade no ano de 2004.

Os principais resultados revelam a convivência entre diferentes modelos de paternidade (ora pautado por uma valorização do papel de provedor, ora pela valorização do papel de pai presente, afetivo e cuidador), expressos na articulação contraditória de uma participação masculina mais afetiva e presente no trato com as crianças articulado ao exercício de ações que preservam os privilégios masculinos e a hierarquia de gênero no âmbito público e privado.

Ressalta-se ainda a importância da paternidade para o homem como status social, associado positivamente ao aumento da responsabilidade e do desejo - real ou ideal - à uma convivência familiar diária. No ensejo do aumento das responsabilidades quando se torna pai, o papel de provedor é ressaltado como fundamental e como pilar importante da paternidade, avaliado como um elemento que agregaria valor à qualidade da relação pai e filho/a. Outros atores fundamentais para o exercício da paternidade são: as mulheres que estão ou estiveram unidas com os pais - e que podem facilitar ou dificultar sua relação com seu/suas filhos/as - e a experiência deles com os próprios pais.

Palavras-chave: paternidade, hospital infantil, masculinidade

Abstract

This article presents the final results of a qualitative research on fatherhood from the optics of six parents (men) whose children had been submitted to surgeries in a public hospital of high complexity. Traditional and new models of fatherhood are expressed simultaneously by the fathers, in a contradiction between the affective participation in the care of children and masculine privileges and gender hierarchy in public and private life. The value of fatherhood for men is still standed out as social status, associated positively to the increase of responsibility and desire - real or ideal - to the daily familiar life. There is an emphasis in the financial support of the family in the increase of responsability when they become fathers, as a pillar of fatherhood and a value in father-child relation, for all the interviewed men. Other basic actors for the exercise of fatherhood are the women that have or had had the paper of spouse of this man (independent of the formal bond) and the experience of these men with their fathers.

Key words: fatherhood, child hospital, masculinity

Índice

1. Apresentação:	9
2. Introdução:	10
3. Revisão teórica	16
3.1 Paternidade: uma construção social, histórica e cultural.	16
3.2 Relacionamento entre pais e filhos/as: quais as vantagens existentes?.	19
4. O desenho da pesquisa:	24
5. Resultados da pesquisa e discussão:	27
5.1 Os sujeitos da pesquisa:	27
5.2. Mundo do trabalho, condições objetivas da vida e paternidade.	28
5.3- Pilares da paternidade: Provisão, responsabilidade e afeto	32
5.4. Interação cotidiana na vida do/a filho/a:	37
5.5. Paternidade e gênero:	45
5.6- Separação conjugal e paternidade:	52
5.7. Vivendo a paternidade do lado inverso: sendo filho	58
6. Conclusão e Propostas	62
7. Referências Bibliográficas	68

1. Apresentação:

A presente monografia é fruto de um investimento profissional como Assistente Social no espaço das enfermarias de Cirurgia Pediátrica do Instituto Fernandes Figueira, desde 2001. No ano de 2003, buscamos uma parceria com a Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, juntamente com as estagiárias do setor, para desenvolver uma linha de pesquisa sobre paternidade. Fomos recebidas com bastante entusiasmo pelas professoras Luciana Patrícia Zucco, Maria Magdala Vasconcelos de Araújo Silva e Ludmila Fontenele Cavalcanti para estruturamos um projeto integrado de pesquisa com a participação das então estagiárias Débora Muniz Atico Leite, Juliana de Lima Lyra e com o fotógrafo Juranir Badaró Alves. O produto final deste investimento culminou com a construção do projeto “Estudos da paternidade”, formado por quatro sub projetos intitulados : 1) Estado da Arte sobre Paternidade, 2) O que elas pensam? Análise das falas sobre paternidade a partir da ótica das mães de crianças internadas nas enfermarias de Cirurgia Pediátrica do Instituto Fernandes Figueira/ Fiocruz, 3) Paternidade na ótica dos profissionais de saúde do Departamento de Cirurgia Pediátrica do Instituto Fernandes Figueira/ Fiocruz e 4) A cara do pai: um estudo sobre os discursos de paternidade junto a homens cujos filhos foram submetidos a cirurgias em um hospital de alta complexidade. Este último projeto, então sob minha responsabilidade, foi paralisado em 2004 imediatamente após a realização das entrevistas, por força de uma licença-maternidade. Em 2005, ao iniciar o curso de especialização na Maternidade Escola, propus como tema de monografia a continuidade da pesquisa e análise do material coletado. Neste período, foi indicada como minha orientadora a psicóloga Maria Luiza de Carvalho, que orientou a construção desta monografia, já iniciada. Portanto, o produto ora apresentado constitui um esforço de sistematizar toda esta construção com novas - e preciosas - contribuições.

2. Introdução:

A relação de cada homem com o exercício da paternidade é uma unidade complexa entre elementos singulares, individuais, sociais, subjetivos e objetivos; deste modo, admitir as possibilidades de um papel próprio para o homem nas relações com seu filho, exige o repensar das relações sociais e de poder que se exercem no cotidiano e reforçam a desqualificação da figura paterna, sobrevalorizando as ações maternas no trato com as crianças (Villas, 1999). Admitir a possibilidade de que os homens possam desenvolver uma especificidade masculina no processo de educação dos filhos, implica em desconstruir abordagens equivocadas que tratam o homem sempre como o algoz na relação de paternidade, abrindo possibilidades para que este deixe de ser um mero coadjuvante feminino nos processos de cuidado¹ infantil (Mendrado, 1998). Implica também em reconhecer o lado positivo e o comportamento cuidadoso de vários homens e o potencial deles para adotar atitudes mais igualitárias, respeitosas e cuidadosas em seus relacionamentos. (Barker, 2003). Como se trata de uma realidade multifacetada, esta experiência pode congrega diferentes e singulares maneiras de expressão.

Atualmente vivenciamos um contexto social propício às diversas formas de exercício da paternidade. Homens de todos os estratos sociais vêm sendo cada vez mais chamados a participar da vida privada de sua família, atuando tanto na vida doméstica (Carvalho, 2001) como na educação de seus filhos. A atenção aos pais (homens) teve reconhecimento internacional muito recentemente, com a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento do Cairo, em 1994 e a Conferência Mundial da Mulher, em 1995. Estas

¹ O cuidado - termo "cuidado", origina-se do latim *coera*, utilizado em um contexto de amor e de amizade e é fundamental para o desenvolvimento, a cognição, o afeto e construção de habilidades para a vida. Esta ação possui um potencial de difusão de um novo *ethos* humanista que, em última instância, pode contribuir para uma visão de cuidados ampliada junto a toda a humanidade e o desenvolvimento de uma maior proteção social à infância (Zaboli, 2004)

iniciativas enfatizaram a responsabilidade masculina no exercício da paternidade, sexualidade, saúde reprodutiva e a participação ativa destes nos cuidados com suas famílias, em uma perspectiva de igualdade de gênero. Em nosso país, a atenção à paternidade se expressa de maneira bastante frágil, no reconhecimento público, através de políticas sociais referentes à pequena licença paternidade com duração de cinco dias e na garantia de afastamento do trabalho dos servidores públicos para acompanhamento de filhos doentes. Não existe nenhuma garantia legislativa para o homem acompanhar o pré-natal de seus filhos ou fazer-se presente nas consultas pediátricas². Se o respaldo legal não facilita o exercício da paternidade, tampouco esta é difundida de modo a valorizar uma relação intensa entre pai/filho/a. As imagens da mídia em torno da paternidade apresentam somente o estereótipo do homem atrapalhado, do abusador (Nolasco, op.cit), ou do sucesso do homem de extratos médios, que não corresponde à realidade da maioria da população brasileira (Carvalho, 2003). Esta realidade ressalta um nítido caráter de classe que deve ser considerado ao analisar esta questão, uma vez que homens com melhores oportunidades de emprego e renda tendem a ocupar espaços sociais que facilitam o reconhecimento de sua importância na vida do filho, como, por exemplo, o acompanhamento do parto³.

Focar o estudo nos discursos de homens sobre sua vida familiar cotidiana constitui uma opção metodológica de vislumbrar como questões de hierarquia, gênero e poder se consubstanciam em relações concretas individuais dos pais em suas famílias. O microcosmos de uma família é capaz de representar os avanços, as contradições e as desigualdades expressos em uma sociedade.

² Conforme já afirmamos, este direito é exclusivo para funcionários públicos amparados pelo Regime Jurídico Único. A respeito ver também Lima, (2001).

³ Importante ressaltar que a lei 11.108 de 7 de abril de 2005 garante acompanhamento no parto, escolhido pela parturiente no pré-parto, parto e pós-parto imediato. Esta lei, que já é uma realidade nas maternidades privadas, vem encontrando resistências nos serviços públicos de saúde. Muitos serviços públicos de saúde vêm apresentando exigências ao acompanhante do sexo feminino e impedindo o acompanhamento dos partos cirúrgicos sob a alegação do risco de aumento da infecção. O curioso é que muitas unidades de ensino que apontam a presença do pai como risco para infecção, possibilitam a presença de mais de quinze pessoas presenciando partos cirúrgicos quando o caso clínico é considerado academicamente relevante.

A área da saúde infantil foi eleita para este estudo por ser considerada um espaço de cuidado, que - embora venha sofrendo alterações - tem como acompanhantes e cuidadores principais as mães das crianças, em especial no período da internação. Deste modo, esta é uma área que possui uma potencial contribuição para o estímulo de novas formas de interação entre o homem e o seu filho. Contudo, contraditoriamente se apresenta como uma das áreas que mais reforça a responsabilidade feminina no cuidado com as crianças. Muitas vezes afasta o pai interessado em participar deste processo, ignorando-o e desqualificando-o, como se a participação de outros membros da família que não a mãe, não fosse importante para o quadro de saúde da criança. A participação masculina - em especial paterna - tem fundamental relevância neste processo, principalmente se se considerar o conceito ampliado de saúde⁴, que avalia a saúde como produto de condições de vida. Deste modo a existência de um outro elemento além da mãe envolvido nos cuidados com a criança, garante a ela melhor desenvolvimento, prevenção de morbidade e maior qualidade de vida.

Carvalho (2001) em uma reflexão sobre a participação do pai no nascimento dos filhos afirma que a maioria dos serviços públicos de pré-natal e maternidade na América Latina e Brasil, não considera os homens em suas práticas. Desta forma, reforçam o afastamento dos homens dos cuidados com os filhos, ignoram as transformações sociais relativas à paternidade em voga e contribuem para uma sobrecarga feminina. Fica evidente em grande parte dos serviços públicos de saúde a lacuna de informações que existe a respeito da importância da participação do pai na vida de seu/suas filhos/as. Muitas vezes, a retórica valoriza a sua presença, entretanto, não existe como contrapartida a oferta de saberes conhecimentos e práticas que efetivamente o incluam neste processo. Muitos profissionais

⁴ O conceito ampliado de saúde, firma-se no reconhecimento da saúde enquanto bem estar físico-mental e social das pessoas e da coletividade. A saúde seria, portanto produto de condições de vida tendo como fatores determinantes e condicionantes "...a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambientes, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do país" (Lei Orgânica da saúde, artigo 3).

não se sentem à vontade com a presença do pai, apresentando dificuldades para incluí-lo no serviço. O fato é que “... o pai ainda é visto principalmente como o acompanhante, pois o sistema ainda está longe de proporcionar um atendimento (...) voltado para a família...” (Cruz: 2002, 85). Os pais ainda são tidos como visitas nas unidades de saúde. Sua experiência, dúvidas e temores são desconhecidos e por isso não são considerados como demandas e nem são atendidos pelos serviços (Carvalho, op. Cit). O desconhecimento dos profissionais de saúde em relação às experiências dos homens/pais acaba por gerar o desenvolvimento de ações parciais, que desqualificam e afastam o homem na sua relação com seu/sua filho/a, não reconhecendo sua importância em relação à saúde e desenvolvimento sócio-afetivo e emocional das crianças.

Deste modo, apreender as questões, contradições e anseios enfrentados por estes pais nas relações cotidianas com seus/suas filhos/as pode contribuir para o exercício de práticas profissionais que valorizem novas relações de gênero na sociedade, através de ações de saúde que sejam pautadas em seu conceito ampliado e valorizem a participação de outros atores no cuidado infantil, além das mães. Valorizar as falas dos homens busca também ressaltar seu papel de protagonista na vida dos filhos e focar diretamente o homem sobre sua vivência na paternidade com o intuito de contribuir para a construção de uma relação entre pais e filhos/as pautada pela participação, interação e diálogo.

Finalmente, há que se atentar para o fato que ainda hoje persistem, convivem, coexistem e dialogam os modos diferentes do exercício da paternidade (Villas, 1999) que podem valorizar com maior intensidade o ideário do provedor ou o cuidado afetivo. Tais . Por isso a importância de discutir o tema paternidade a partir de articulações maiores com os âmbitos de gênero⁵, sexualidade, saúde reprodutiva, bem como inscrever tais conceitos em

⁵ Estas relações tendem a espelhar a dinâmica desigual da própria sociedade, bem como os signos identitários e as expectativas sobre os comportamentos de cada um em relação a si mesmo e em relação aos outros. (Villa, 1999; Vilella e Arilha, 2002) Não podemos esquecer que os modos como as relações entre as pessoas e as coisas

uma perspectiva cultural e histórica, que estimulam um determinado tipo de ação neste campo. Além disto, há que se analisar as influências das interações existentes nas relações deste homem com seu próprio pai, com sua família e com a mãe de seu filho (Cruz, 2002), que podem influir no vínculo estabelecido com seu próprio filho, antes mesmo deste nascer. Deste modo, cada homem irá aderir com mais ou menos ênfase a um comportamento em virtude de sua experiência pessoal, valores culturais e estilo particular de vida.

A realização desta pesquisa sobre o tema foi também motivada por uma prática profissional de seis anos em enfermarias pediátricas de dois hospitais de ensino, onde era claramente perceptível um tratamento diferenciado e desqualificador por parte da equipe para homens que desejavam acompanhar seus filhos⁶. Durante todo este tempo era visível que apesar dos embates e das tentativas de conscientização pela equipe de serviço social e da psicologia, os homens continuavam a ser hostilizados veladamente por parte expressiva da equipe, sem haver qualquer tentativa de aproximação com os pais acompanhantes. Assim, a presente pesquisa é parte integrante de um esforço profissional de dar visibilidade a esta questão a partir da ótica de homens, cujos/as filhos/as foram submetidos a cirurgias em um hospital público de alta complexidade.

Para tratar estas questões, o próximo capítulo apresentará uma revisão teórica sobre a construção social da paternidade e o desconhecimento sobre a experiência dos pais em nossos meios. O capítulo quatro tratará de todo o processo de pesquisa realizada com pais de filhos internados em cirurgia pediátrica, apresentando seu contexto e metodologia. No quinto capítulo trataremos da análise dos dados, através de eixos que versam sobre o tema da paternidade e sua relação com o mundo do trabalho, gênero, relação com o próprio pai,

se estabelecem variam entre as culturas e não podem ser totalmente generalizados (Correa apud Vilella e Arilha, 2002).

⁶ Haviam impedimentos descabidos para a presença deste homem no espaço (como o fato de só haver um banheiro para acompanhantes, sem considerar que o banheiro era individual e equipado com trinco, o que lhe conferia total privacidade) até regras criadas pela equipe que diziam que o pai não poderia dormir na enfermaria por risco de ataque físico à equipe do turno da noite ou de comportamento sexual inadequado ao espaço hospitalar por parte deste homem.

cotidiano na vida da criança e com a mulher. O último capítulo apresenta, de maneira condensada, as principais conclusões deste estudo que evidenciou a convivência entre diferentes hegemonias no exercício da paternidade; a importância da paternidade para o homem como status social, associado positivamente ao aumento da responsabilidade e do desejo - real ou ideal - à uma convivência familiar diária; o papel de provedor como pilar importante da paternidade e a importância da mulher e de seu próprio pai, no modo com que este exerce a paternidade.

3. Revisão teórica

3.1 Paternidade: uma construção social, histórica e cultural.

O debate sobre a paternidade é recente no meio acadêmico brasileiro. O tema não foi, ao longo dos anos, valorizado nos estudos de gênero, que, inicialmente, buscavam analisar os motivos que constituíam as desigualdades, bem como identificar mecanismos que pudessem ser acionados para que as mulheres superassem tal diferenciação (Martins, 2003). Algumas perspectivas mais simplistas limitavam-se a denunciar o papel do homem como algoz, não procurando analisar a maneira como este se inseria em um contexto social e, principalmente, na educação dos filhos. Posteriormente, esta tradição foi questionada e os estudos de gênero passaram a destacar o seu caráter relacional e o conjunto de atribuições que estavam socialmente associados ao masculino e ao feminino em uma dada sociedade, como o núcleo organizador de toda uma cultura humana (Vilella e Arilha, 2002).

Foi esta perspectiva que possibilitou o desenvolvimento de estudos que procuravam compreender e analisar a vivência do homem no contexto social a partir de sua própria ótica e discurso, avaliando ainda as ‘desvantagens’ inerentes à forma tradicional de vivência masculina nas sociedades ocidentais (Barker, 2000, Nolasco, 1997). Entretanto, muitas vivências dos homens ainda necessitam ser conhecidas, principalmente no que tange à paternidade. Se, historicamente, o homem foi chamado a ser somente o provedor da família ou o auxiliar da figura materna, há que se estudar os diversos modos com que os homens se relacionam com seus filhos.

Neste processo, há que se reconhecer que atualmente, vivenciam-se novas formas de exercício da paternidade. Estas novas configurações, no entanto, não podem ser entendidas e analisadas de maneira autônoma, mas como fruto de um conjunto de transformações históricas, sociais e culturais. Um destes fatores, por exemplo, é creditado às

transformações existentes no âmbito da família, que passa a assumir de maneira mais direta os cuidados com as crianças pequenas (Saraiva, 1998). Se em épocas anteriores as crianças eram entregues aos mestres ou às amas, e conviviam exclusivamente com eles durante muitos anos; ao longo dos tempos a família passou a assumir diretamente os seus cuidados, mesmo que, para isso contasse com contribuições de outros atores - como a escola. A construção do modelo nuclear de família (que persiste ainda hoje, ao menos enquanto um valor) e as repercussões nos padrões de relacionamento afetivo advindos desta alteração, propiciaram um novo lugar para as crianças dentro das famílias e novas formas de compreensão do desenvolvimento infantil (idem, ibidem).

Se a família é um âmbito importante para pensarmos as alterações nos cuidados com a criança, há que se ressaltar que esta também foi influenciada pelas novas relações econômicas empreendidas pelo modo de produção capitalista no fim do século XIX e início do século XX que proporcionaram importantes redefinições no âmbito público/privado, impondo novas relações de gênero e redefinição dos papéis masculinos na sociedade. Esta alteração cria uma contradição clara nos dias de hoje: um reconhecimento importante das necessidades afetivas e socializadoras das crianças, em contraponto a uma redução do tempo de convivência entre pais e filhos, gerado pelas imposições do mundo do trabalho⁷.

Não é difícil supor o quanto a participação ativa da figura paterna é importante nesse processo. Com o afastamento de um número cada vez maior dos componentes da família do âmbito doméstico para o mercado de trabalho, é importante que a qualidade deste relacionamento com as crianças seja profundo o suficiente para que esta mantenha o sentimento de pertencimento (Rizzini, 2001).

⁷ Estes relacionamentos tendem, inclusive a ficar mais fragilizados em contextos de desemprego, onde, principalmente o homem, deixa de ter reconhecido o seu papel de provedor e passa a lidar com o estigma da inutilidade posto aos que não produzem dentro do sistema capitalista. Este movimento, ao invés de aproximar, tende a afastar o homem do convívio positivo com as crianças.

É necessário, então, compreender o papel do homem não somente como apoio às mulheres, mas, pensá-los como atores nos campos de gênero, sexualidade e paternidade. “Trata-se antes de incentivar e permitir ao próprio homem reescrever a forma como gostaria de ser sido criado/educado por seu pai ou figura masculina de referência” (Barker e Lowenstein, apud Nascimento: 2002, 54).

Tais reflexões nos remetem a um re-exame importante no campo das masculinidades (Marques, 2000), pois os homens ainda convivem com representações e pressões sociais que muitas vezes o identificam somente como provedor, desconsiderando outras dimensões da paternidade. Além disto, há também a ausência da problematização e preparação dos homens para a paternidade e o cuidado.

As discussões sobre paternidade vem ressaltando a importância da necessidade de uma reflexão aprofundada sobre a noção de ‘cuidado’. Os homens não parecem ter como referencial de masculinidade o cuidado consigo mesmo ou com outrem. Pode-se afirmar que eles “...são educados, desde cedo para responder a expectativas sociais, de modo proativo, em que o risco não é algo a ser evitado, mas superado cotidianamente. A noção de auto-cuidado dá lugar a um estilo de vida destrutivo, a uma vida, em diversos sentidos, vulnerável” (Medrado, et al, 2000:14). Por isso, o envolvimento ativo no cuidado e a responsabilidade com as crianças, parece ainda estar fora do imaginário social de muitos homens (Fundação Mac Arthur, 2000), principalmente na sociedade brasileira, onde o/a filho/a é percebido como sendo da mãe (Cardoso, 1998).

Além disso, a ausência de capacitação do pai no cuidado com filho e a desqualificação de sua capacidade para realizar tal tarefa com sucesso não deve ser esquecida. Com frequência o homem acredita não ser capaz de cuidar de seu filho⁸ e, mesmo em contextos em que se trata do primeiro filho do casal, considera a mãe a figura mais adequada

⁸ Este é um mito muito reforçado pelos meios de comunicação, que quase sempre apresenta um pai desajeitado para os cuidados com a criança (Medrado, 1998).

a exercer este papel. Considerando-se a diminuição do tamanho das famílias (Rizzini, 2001) muitas vezes, a mulher possui a mesma ausência de contato com crianças pequenas que o homem. Entretanto, firma-se socialmente sua capacidade como cuidadora e a incompetência masculina neste âmbito como inatas.

O exercício de uma paternidade mais próxima implica numa revalorização pelos homens das tarefas de cuidar e na integração destas à representação de masculinidade e paternidade. Caso não o façam permanecerão entendendo-as como tarefas femininas de menos valor. Por outro lado, as práticas de cuidados na paternidade estão diretamente vinculadas às possibilidades de cooperação e complementaridade da participação masculina e feminina, necessitando também de novas posturas das mulheres com relação à paternidade (Carvalho: 2001, p.45)

Carvalho, 2001, afirma com base em Villa (1999), que é necessário compreender a paternidade de forma a não entendê-la como cópia da maternidade e conhecer as questões específicas colocadas pelos homens em relação à vida e ao desenvolvimento de suas crianças.

3.2 Relacionamento entre pais e filhos/as: quais as vantagens existentes?.

O debate sobre a paternidade aponta para a necessidade de reconstrução de muitas vivências masculinas em relação a este tema. Tal estudo poderia possibilitar o resgate para debate nacional das especificidades do papel paterno na educação, cuidados e assistência à saúde de seus filhos. O descortinamento desta importante relação para pais e filhos/as pode estimular uma nova relação social que propicie a permanência deste pai em todos os âmbitos

da vida de seu/sua filho/a, podendo firmar-se como uma tentativa de rever práticas sociais que historicamente afastam o pai dos cuidados com sua prole.

É necessário estar atento às multiplicidades de determinantes presentes no exercício do cuidado masculino junto a seus filhos. Sendo assim, não podemos esquecer que os modos como as relações entre as pessoas se estabelecem variam de acordo com as características individuais e a história de vida de cada um e também pelo modo com que estas mesmas relações são estabelecidas e representadas pelas culturas (Correa *apud* Vilella e Arilha, 2002,) e também. Essas relações expressam ainda uma disposição das articulações das relações de gênero, de classe, de etnia e das relações de poder que se estabelecem na dinâmica social (Almeida, 1999).

A paternidade pode, portanto, caracterizar-se como um dos elementos de transcendência masculina para um novo status social através da aproximação do homem com eixos socializadores da cultura feminina, contribuindo assim para o desenvolvimento de relações sociais mais igualitárias.

Algumas pesquisas (Barker, 2000; Nascimento, 2002; UNICEF, 2001; ONU, 2000) demonstram que a participação dos homens na vida dos filhos apresenta aspectos positivos tanto para o pai quanto para a criança. Os cuidados dos homens junto aos seus filhos faz com que eles desenvolvam o auto-cuidados e competências como emoções, receptividade, empatia e compaixão, sentimentos estes fundamentalmente experimentados por mulheres (Kaufman, 1995, *apud* Lira, 1998). Tais sentimentos possibilitariam às crianças os benefícios de uma relação afetiva mais próxima (Engle e Breaux, 1994, *apud* Lira, 1998), na construção da auto-estima infantil, com conseqüente contribuição positiva na vida dos filhos, bem como uma maior satisfação com a situação conjugal que sobrepõe a questão do provedor ou do disciplinador - historicamente firmada - (Unicef, 2001). A participação do pai na vida das crianças as torna fisicamente mais saudáveis, emocionalmente mais seguras e mentalmente

mais perspicazes, com melhor desempenho em testes de inteligência (idem, ibidem) e a manutenção do sentimento de solidariedade humana, pertencimento social e igualdade, que são essenciais para o seu bem estar (ONU, 2000). Os elos estabelecidos por uma criança ao longo da vida irão lhes proporcionar desenvolvimento físico, capacidade para relacionamentos e desenvoltura, contribuindo assim, com sua capacidade de interação e associação, com a capacidade de construção de novos elos, se após as diversidades, alguns elos antigos se desfizerem. (Costello, Pickens e Jenton, 2002).

A experiência da paternidade permite ao homem vivenciar mudanças internas, na sua estrutura emocional, aumentando seu sentimento de responsabilidade, continuidade, plenitude (Cruz, op. Cit). Um modelo de pai que valorize sua presença ativa na educação dos filhos permite que o homem possa redefinir sua vivência na sociedade (Nolasco,1997). Heilborn, (1992) chama ainda atenção para a associação latina que se faz entre masculinidade, prestígio e poder, dando aos homens uma centralidade social. Romper com os parâmetros tradicionais do homem provedor permite também um alívio das frustrações impostas quando o homem não consegue alcançar o ideário de sucesso masculino imposto pela sociedade (Nolasco, 1997). De fato, se a tradicional inserção masculina possibilitava (e ainda possibilita) ao homem a vivência de benefícios de uma vida social diferenciada da mulher, esta também apresenta muitas desvantagens. Além da impossibilidade de expressar seus sentimentos, são claras as repercussões negativas de um posicionamento social que valoriza a expressão da virilidade.

... o sexo masculino é líder nas estatísticas mundiais de suicídio, de mortes violentas, de envolvimento com álcool. De cada quatro dependentes de drogas em todo o mundo, três são homens. Dados do ministério da Saúde revelam que dos 6985 suicídios ocorridos no Brasil em 1998, 5530 foram cometidos por homens. Os dados do Departamento Nacional de Trânsito

revelam que em 1999, dos 5233 acidentes fatais ocorridos nas capitais brasileiras, 4250 foram com homens (...). Esta dura realidade deve ser considerada como questão de saúde pública (Cruz: 2002, p.37)

A participação do homem na vida da criança é fundamental para o seu desenvolvimento. Ela começa antes mesmo do bebê nascer, pois as atitudes do pai em relação à mulher grávida contribuem para que esta aceite ou rejeite sua gravidez (Maldonado, 1985) e influem diretamente no número de consultas realizadas no pré-natal (Domingues, apud Carvalho, 2001). O homem oferece condições para a construção de um suporte afetivo que será importante à formação das identidades das crianças e à construção de relacionamentos familiares menos baseados na hierarquia entre os dois sexos, o que facilitaria a construção futura de relações mais igualitárias.

O vínculo construído entre um adulto e uma criança é fundamental para o desenvolvimento e sobrevivência desta. Possibilitar o desenvolvimento de políticas públicas que valorizem e discutam as alterações que se iniciam no âmbito familiar, com a chegada de uma criança - principalmente quando se trata do primeiro filho - constitui um elemento importante para ajudar os pais a enfrentar de maneira mais tranqüila as “perdas necessárias” (Winnicott, 1990), e os sacrifícios que terão que fazer (Carvalho, 2001), principalmente no primeiro mês de vida. Tais ações podem gerar uma postura protetiva, que garanta ao bebê segurança e prevenção contra a violência doméstica. Nesse sentido deve-se destacar que o vínculo é importante também para o homem, uma vez que aqueles que não participam ativamente dos cuidados com o bebê sentem-se, em geral excluídos com as muitas horas que a mulher investe nos cuidados com a criança (Idem, *ibidem*). Gonçalves, Saldanha e Mendonça (apud Carvalho, *op.cit*) afirmam que o homem que não participa disto tende a se sentir excluído de tudo que se relacione ao nascimento do filho, o que reforça ciúmes, inveja e competição com a atenção voltada ao filho.

Se os cuidados ministrados, serão feitos essencialmente em situações ideais pelos adultos de referência para a criança, certamente imporão a muitos pais (homens) dedicação e sacrifícios; entretanto, estes serão também elementos importantes para a criação de sentimentos de vínculo e apego (Klaus e Kenell, 1992), para a proteção, sobrevivência, saúde e qualidade de vida desta criança.

Trata-se, portanto, de uma concepção que valoriza desenvolvimento integral, capaz de articular todas as ações necessárias para que a criança possa ter um crescimento sadio e pleno, já que a capacidade que a pessoa humana vai adquirindo de iniciar relacionamentos recíprocos, depende dos relacionamentos iniciais que esta mantém com aqueles que ficam encarregados dela.

Fortalecer o envolvimento dos homens com seus filhos pode ser um importante mecanismo de prevenção da violência doméstica, bem como uma forma de garantir a manutenção do vínculo com os filhos após a separação do casal. Contribuir com este novo enfoque, pressupõe considerar os homens como sujeitos no campo da saúde e convidá-los a refletir sobre sexualidade responsável e suas conseqüências (Villa, 1999). Essas relações e experiências - ricas e diversas - vão se desenvolvendo e recriando ao longo de toda uma vida.

4. O desenho da pesquisa:

A pesquisa intitulada “A cara do pai: um estudo junto a homens cujos filhos foram submetidos a cirurgias em um hospital de alta complexidade” foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Fernandes Figueira e aprovada sob o número 0002.0.008.000-04. O estudo teve como objetivo geral conhecer as vivências paternas a partir de sua própria ótica e discurso, a fim de compreender como as relações entre pais e filhos são tratadas sob a égide do gênero masculino, estudando o papel paterno a partir de seus próprios valores comportamentos. Essa opção foi feita, levando-se em consideração que as relações singulares e individuais congregam ideologias, valores e aspectos de poder de uma estrutura social mais ampla.

A pesquisa em questão foi realizada através de metodologias quantitativas e qualitativas. Para o delineamento desta monografia, estaremos nos embasando na parte qualitativa da pesquisa fim de contemplar as características, os processos e singularidades de exercício da paternidade, analisando a paternidade idealizada e a vivenciada, bem como os elementos facilitadores ou desencorajadores de posturas mais participativas dos pais em relação a seus filhos. Tal opção metodológica fundamenta-se no entendimento de que metodologias qualitativas são necessárias para abarcar o conjunto da realidade, abordando os significados, motivações e contradições presentes nas relações sociais (Minayo & Sanches, 1993).

Os objetivos específicos deste estudo foram:

- analisar os diferentes discursos sobre paternidade junto ao universo pesquisado;
- verificar nos discursos quais as mudanças apontadas como fruto da vivência da paternidade;

- captar os comportamentos e emoções dos pais junto a seus filhos durante o período de internação;
- elencar questões fundamentais para a intervenção profissional em saúde que possam fortalecer o desenvolvimento de vínculos entre pais e filhos;
- identificar o perfil sócio-econômico dos pais das crianças internadas nas enfermarias de Cirurgia Pediátrica do IFF.

As entrevistas eram semi-estruturadas e se basearam num roteiro⁹ que abordou temas relativos à visão sobre paternidade, aspectos sociais da paternidade, relação com filhos e com a mãe destes filhos.. O roteiro buscou valorizar os aspectos subjetivos, expressos no conjunto de interações, valores, contradições e crenças que informam ações cotidianas e se concretizam através da linguagem dos atores entrevistados, observando captar assim, o significado que estes atribuem à suas ações cotidianas. Para a análise dos dados, trabalhou-se com análise temática (Bardin, 1979) que busca identificar os eixos de significação que compõem os discursos.

Para a realização do presente trabalho, analisamos os dados coletados através de seis entrevistas com média de uma hora de duração, feitas com pais homens durante o período de internação de seus filhos para a realização de cirurgias em uma unidade de saúde pública, federal de alta complexidade, o Instituto Fernandes Figueira.. Há que se ressaltar que este estudo compreende somente pais que se encontravam acompanhando a internação de seus/suas filhos/as no momento que foram convidados pela pesquisadora para a participação neste estudo. Deste modo, o estudo só contempla os pais que têm alguma participação na vida do seu filho – ainda que esta estivesse limitada ao acompanhamento ou à visita hospitalar.

⁹ Anexo 1

Os pais foram convidados pela pesquisadora a participar da entrevista e os que concordavam em participar eram convidados a se dirigir a uma reservada para conhecimento detalhado da proposta de pesquisa, assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e realização imediata da entrevista. Caso o pai estivesse sozinho com a criança, a própria criança e a equipe de enfermagem era avisada sobre onde poderia acessar o pai, caso necessário. A mãe, se estivesse acompanhando a internação conjuntamente era também informada sobre este local, embora neste caso, a equipe de enfermagem não fosse comunicada. Cinco dos seis pais fizeram a entrevista com portas fechadas e um com a porta aberta, a pedido dele. Uma criança bateu na porta, interrompendo a entrevista; o gravador foi desligado, ela pediu um brinquedo ao seu pai e voltou ao leito, de modo que a entrevista teve prosseguimento. Em todos os casos em que as mães das crianças estavam também presentes nas enfermarias, estas mostraram-se bastante curiosas, algumas indagando o motivo pelo qual a entrevista não era feita em sua presença e por vezes, interrompiam a pesquisa, batendo na porta e adentrando na sala onde era realizada a entrevista.

Importante salientar que a entrevista foi feita pela assistente social responsável pela assistência no departamento de cirurgia pediátrica e era reconhecida por pais e mães como tal. Há que se considerar essa implicação da pesquisadora com o campo de estudo, fato que pode ter influenciado as repostas recebidas.

5. Resultados da pesquisa e discussão:

5.1 Os sujeitos da pesquisa:

Os seis pais pesquisados, tinham idade entre 23 e 45 anos e escolaridade compreendida entre a sexta série do ensino fundamental e o ensino médio completo e estão representados - bem como seus/as filhos/as e companheiras - através de nomes fictícios. No grupo de entrevistado, todos os pais conviviam com companheiras e com os filhos do casal. O número de filhos de cada pesquisado variou entre um e quatro filhos/filhas. Quatro entre os seis entrevistados – todos com idade acima de trinta anos - estavam na segunda união e possuíam um/a filho/a de outro relacionamento, mantendo com ele, contato regular ou esporádico, dependendo principalmente da relação deste homem com a mãe da criança. A renda dos entrevistados variava entre um e três salários mínimos, e em todos os casos, as mulheres não exerciam atividade profissional remunerada regularmente e não contribuíam sistematicamente com o sustento da casa, embora este não fosse um critério de elegibilidade para esta pesquisa.

Verificou-se que os pais com idade inferior a trinta anos tinham um/a único/a filho/a, possuíam um nível maior de escolaridade, valorizavam e planejavam de maneira mais detalhada o futuro de seus filhos, enfatizando a educação formal nesse processo. O fato do primeiro/a filho/a ser geralmente o/a filho/a mais idealizado do casal e dos próprios pais terem permanecido mais tempo na escola podem esclarecer os motivos desse investimento estar - necessariamente - atravessado pelo estudo como meio de ascensão social.

Antes da abordagem dos sujeitos para a realização da pesquisa foi possível identificar que inexistia nestes homens um padrão de comportamento junto aos filhos: alguns interagiam efetivamente com seus/suas filhos/as enquanto outros mostravam-se presentes, embora com um padrão de interação com menor intensidade. Observou-se ainda que todos os homens -

após o esclarecimento dos objetivos da pesquisa - tendiam a se classificar como pais presentes e participantes, embora o desenvolvimento da entrevista não confirmassem necessariamente esta primeira impressão.

A discussão dos resultados foi organizada a partir de núcleos temáticos presentes na fala de todos os pais, demonstrando que a forma como esses elementos são vivenciados pelos homens influi diretamente na qualidade do relacionamento que este mantém com seus filhos.

5. 2. Mundo do trabalho, condições objetivas da vida e paternidade.

O trabalho apareceu nesta pesquisa como um elemento importante na constituição da identidade dos homens entrevistados, tanto como um elemento importante para sua auto-estima quanto para a manutenção do status de pai provedor. O mundo do trabalho possui uma centralidade na vida dos homens entrevistados em geral (Antunes, op.cit) e a inserção que os mesmos têm neles é definidora de muitos aspectos da sua vida. Importante destacar a extensa carga de trabalho a que muitos homens são submetidos.

O senhor trabalha quantas horas por semana?¹⁰

Ah segunda a sexta, dez, dá 50 horas. E sábado e domingo eu faço a minha segurança, meu biscate. quando tem.

E dá 50 horas com o sábado e domingo?

Não dá mais. Segurança lá dá umas dez horas, quando tem né? Então é 60 horas. Mas não é todo final de semana que tem um bico né?

(Ricardo - 42 anos - segurança)

¹⁰ Sempre que uma entrevista transcrita apresentar um diálogo, a fala da pesquisadora virá em negrito e a do entrevistado em sem negrito. Em algumas falas haverá destaque de alguns trechos, que aparecerão sublinhados. Todos estes destaques são destaques meus.

Isso. Eu pego 4 horas da manhã, às vezes saio 11 horas tem dia que eu saio 1 hora tem dia que eu saio 4 horas. Não tenho horário...

(Vitor - 31 anos - entregador)

Ao longo das entrevistas é possível verificar que a extensiva carga de trabalho e o esgotamento físico advindo disso, são fatores que incidem na qualidade da relação entre os pais e seus/as filhos/as, expressando claramente que a identidade provedora, o ambiente social e a ausência de uma política social de proteção à paternidade acaba por reforçar o distanciamento dos homens e seus/suas filhos/as. Deste modo, o desgaste físico e o tempo dependido com o transporte, devem ser avaliados como indicadores que repercutem no relacionamento deste homem com seus/suas filhos/as.

Esta realidade no emprego irá impor efetivamente condições adversas ao acompanhamento na vida do/a filho/a e a uma relação paterna mais participativa.

Teve uma reunião lá no colégio e ela [a companheira] teve que ir. Porque na hora que eu chego ele já não tá colégio. Então não dá.

(Vitor - 31 anos - entregador)

Nestas condições adversas – de longas jornadas de trabalho e renda familiar mensal de no máximo três salários mínimos – a ausência de apoio público comunitário, o aumento das despesas e o investimento físico e afetivo com uma criança, faz com que os pais apontem que efetivamente um filho constitui um evento de sacrifício e de suspensão definitiva ou temporária de seus projetos de vida.

Eu tava fazendo pré-vestibular, mas depois que a Regina nasceu eu tive que parar. Porque não dá pra conciliar. Camile [a mãe] terminou o segundo grau

ia fazer educação física. Teve que parar. Ela é judoca, ela gosta muito de fazer judô. Ela tem esse sonho. Como eu tenho ainda. Aí eu falei: “- um dia você vai continuar a fazer isso aí.” Como eu também. Só que agora a gente não pode.

(Michel - 28 anos - balconista)

A gente quer que nosso garoto viva. Vai dar trabalho, mas vamos transformar isso num prazer. E transformou. Aí eu falo: “ - Gata, - eu chamo ela [a esposa] de gata -. Gata, tem médico pro Matheus, vamos acordar cedo amanhã” Aí “- Matheus acorda, acorda, tá na hora do médico”. Ele sai naquela alegria. Mas é Deus que dá a força pra gente. Deus que dá a força pra gente. A gente sai. A gente leva, leva aqui, leva lá no Menino Jesus [Hospital Municipal Jesus]. Amanhã que ele faz um ano, tem que levar ele lá pra doutora que fez o parto por que ela falou que quando ele fizer um ano tem que levar posto pra tomar a injeção de um ano.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Importante ressaltar o desejo paterno de oferecer o melhor para seu filho deficiente. Nos casos em que o vínculo entre pai e filho/a é bastante estreito, é possível verificar um investimento na capacidade humana de buscar transformar um processo difícil em um prazer, fazendo da ida ao médico um motivo de alegria. Além disso, também chama a atenção o forte apelo religioso durante toda a sua entrevista. Fica claro que, diante da dificuldade de apoio político e social, a fé religiosa aparece como fonte de apoio capaz de propiciar à família a transcendência de um contexto adverso. Dentro desta realidade, um tratamento público que seja atencioso e respeitoso deixa de ser entendido como direito do cidadão e passa a constituir uma benesse, conforme observamos no relato a seguir:

Pô conheci esse rapaz aí, o Dr. Bruno. Muito bacana(...) quer dizer, que incentiva as pessoas porque tem gente, a gente vai em hospital aí que é muito maltratado. Hospital e clinica. Mas aqui - graças a Deus pô - tá de parabéns. Parabéns mesmo. Não é para puxar o saco não.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Esta fala, antes de se constituir um motivo de orgulho para a unidade de saúde, constitui uma expressão do desrespeito do acesso do cidadão a um sistema público de saúde.

O horário e a jornada de trabalho podem se constituir como elementos importantes do investimento masculino nos cuidados com os/as filhos/as. O fato de um pai ter um horário de trabalho diferenciado, permite a ele presenciar de alguns aspectos da vida de seu filho que seriam impossíveis de serem acompanhados caso este tivesse um emprego em horário comercial.

Eu pego 2 horas da tarde às 10 da noite. Aí de manhã eu cuido deles.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Apenas o relato de um pai expressou claramente o apoio de seu chefe à sua participação e presença no hospital durante a cirurgia do filho. Este pai apontava com satisfação sua presença no espaço hospitalar.

Um bom pai pra mim é igual eu estou aqui agora, acompanhando meu filho. Por que tem pessoas que nem liga né? Deixa a esposa lá, não liga não. Eu não. Falei pro meu patrão, “- Vou lá ver meu filho, ele tá pra operar.”. Aí conversei com ele direitinho, ele entendeu, numa boa.

(Flávio - mecânico hidráulico - 23 anos)

Esta entretanto, não é a realidade de todos os homens. Pais trabalhadores que necessitam acompanhar seus filhos - direito garantido somente aos funcionários públicos - muitas vezes necessitam negociar a relação através de uma cultura de favor ou sofrem descontos relativos aos dias que se ausentaram de seus postos de trabalho (Lima, 2001).

5. 3- Pilares da paternidade: Provisão, responsabilidade e afeto

Historicamente se firmou a questão da provisão como o pilar básico da valorização da paternidade nas sociedades ocidentais modernas e os homens ainda convivem com representações e pressões sociais que muitas vezes o identificam somente como provedor, desconsiderando outras dimensões da paternidade (Marques, 2000). Esta dimensão continua sendo intensamente valorizada pelos próprios homens.

Tudo o que eu faço é direcionado pra ela. Atenção, compras. Às vezes o que eu ia compra pra mim, eu acabo comprando pra ela e não compro pra mim. Aquela coisa de pai mesmo.

(Michel, 28 anos, balconista)

Não deixo faltar nada pra ele não. Falta pra mim, mas pra ele não ta faltando nada. Não. Deus me livre.

(Ricardo - 42 anos - segurança)

Em vez de ser eu e ela, agora, é eu, ela e ele. Tem os dois agora pra cuidar. Tu pensa assim: “- Vou comprar alguma coisa, alguma coisa pra mim pra

ela e pra ele”. Tudo dividido. Entendeu? *(Flávio - mecânico hidráulico - 23 anos)*

A socialização do pai e da família, por vezes, pode ficar comprometida e ele pode até evitar o espaço público em função de não poder manter a sua posição de provedor.

Minha mulher às vezes fica, “- Ah, mas você não passeia, que não sei o que...” Mas eu gosto da minha casa. A gente como pobre, a gente não tem condições de ficar passeando. Por que sair com criança, sabe que gasta.

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

Entretanto, este não é mais o único pilar sobre o qual se estruturam as vivências de paternidade. Quadros, (1996) aponta que, associada à imagem do provedor, existe a imagem do companheiro que conversa com os filhos e se faz presente. Se a capacidade de provedor o qualifica para a paternidade, uma vez que confere ao homem o status de solidez, estabilidade e permanência, existem outros elementos que se mostram como importantes para os próprios homens na construção de uma relação de qualidade com seus/suas filhos/as. Foram recorrentes as falas sobre o aumento da responsabilidade e da importância de dar (e receber) afeto, carinho, e cuidado, com destaque para o reconhecimento da constância destes relacionamentos para que estes possam ser efetivos. Estes fatores são fundamentais pra que o homem se reconheça como um bom pai.

Na minha opinião, é dar tudo. Principalmente o carinho, né? Por que sem carinho dedicação, não dá. Parte financeira a gente mais ou menos procura deixar faltar nada. Principalmente o amor. O amor é tudo. Dando amor a criança, criança nasce e é aquele, o amor e já transmite pros filhos dele, pros

colegas e assim vai indo tentando melhorar o mundo, daqui pra frente. Você com seu filho, seu filho com outro e assim vai indo. Pra não deixar uma criança rebelde.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Um bom pai é ser sempre um pai perto do filho ensinando as coisas o que é certo o que é errado. Isso que é um bom pai; dar carinho, dar amor, dar afeto - pra mim, assim. Um bom pai é assim, na minha opinião.

(Vitor, 31 anos, entregador)

Os homens também expressam uma mudança significativa na vida do homem após o nascimento do/a filho/a. Este é muitas vezes apontado pelos próprios homens como um marco na sua vida, associados, de forma positiva a um novo status social, pautado por um aumento de prazer e de sua responsabilidade.

Eu sempre fui responsável, mas acho que a responsabilidade dobrou. Porque é um ser que depende da gente, eu sempre fui dessa teoria: “ - Pô não posso fazer nada de errado, por que tem uma pessoa que depende de mim”. E graças a Deus que não nunca me meti. Sempre fui caseiro mesmo. Queria ter uma família por que eu não tive família. Não conheço primo, não conheço tio não conheço ninguém. Em tão eu falei: “- Pô eu tenho que ter uma família”. Aí, pô quando nasceu eles aí eu falei: “- É agora”. E to me dedicando e to gostando muito. Adoro meus filhos.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

É um sentimento... É uma coisa inexplicável. Antigamente saia do serviço ficava andado. Não agora saio do serviço penso em ir pra casa pra ver meu

filho. Tem sentimento né? Aí ta trabalhando, aí conversa com a menina: “- Ah, meu filho tá grandão , tá esperto, já.”

(Flávio - mecânico hidráulico - 23 anos)

É. Mas mudou muita coisa. Muita coisa mesmo. Me fortaleceu sabe! Porque antes de ser pai eu andava numa depressão muito grande. Eu sei que o mundo não existia pra mim. Eu vivia só por viver, porque tinha que viver. Esperando a hora do senhor me chamar. Aí agora não. eu dou motivo pra viver. A gente ser pai, a gente tem um motivo muito forte. Eles é que fazem a gente erguer todo dia. Eu vivo a madrugada. Todo dia eu vejo o galo cantar, todo santo dia..Então quer dizer, se não são elas, minhas filhas, não teria muita graça.

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

A responsabilidade apresenta-se, portanto como um elemento importante após o advento da paternidade, onde o homem toma para si o encargo de se tornar um exemplo a ser seguido pelo/a filho/a.

Nunca bebi. Nunca fumei. Graças à Deus eu to servindo de exemplo pro meu filho. De droga ele tá fora.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Dinheiro não tenho, mas respeito educação sempre ensinei a ele. Tanto que ele vai fazer 14 anos, e se você parar para conversar com ele, ele vai sentar aqui, te dar atenção, vai conversar contigo numa boa.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

É neste contexto que se evitam os excessos, pois o exercício da paternidade é incompatível com o consumo exagerado de bebida alcoólica e o gasto desordenado de dinheiro (fator que influiria, inclusive, no pilar de provedor). Esta questão, entretanto, deve ser avaliada dentro de um contexto no qual as diversões continuam sendo permitidas, devendo, ser tratada, entretanto como algo que envolve mais moderação.

Mudou muita coisa [depois que eu me tornei pai] (...) Eu acho que eu tive... passei a ter mais responsabilidades. De bagunça, de farra aí bebedeira, aí já fico bebendo pouco. Depois dos três[filhos] eu não consigo mais sair porque eu já vou sair pensando nos meus filhos que vão ta em casa, aí eu não vou sair. Só saio quando é com eles mesmos, final de semana. (Jean - eletricista- 38 anos)

Este fator é de fundamental importância à medida que é clara a influência do gênero na morbi-mortalidade mundial, onde é flagrante ressalta a liderança mundial masculina nas estatísticas de envolvimento com álcool, mortes violentas e suicídios (Diegues, apud Cruz, 2002). Se a paternidade é vivenciada por homens como um elemento para a tomada de responsabilidade pode ser um evento protetivo para estas questões ou, pelo menos para a redução de danos associados a estes comportamentos destrutivos.

Articulado ao pilar da responsabilidade de maneira menos explícita, porém expressivamente presente, surgem também as questões da constância e da presença familiar. Cuidar bem de um/a filho/a, dar o de melhor para ele, pressupõe que estes fatos sejam feitos de maneira continuada - preferencial, mas não necessariamente - no seio de uma família.

Pai ruim é a pessoa que maltrata, abandona as crianças. Não dá assistência. Separa da mulher -igual eu separei - e deixa a criança pra lá, deixa faltar

tudo. Separação é separação. A criança não tem nada a ver. Eu penso assim, né?

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Bom pai, acho que bom pai é aquele que gosta dos filhos, que dá atenção, tá sempre presente, né? Acompanha o desenvolvimento dos filhos. E um mau pai é o contrário disso, é aquele, acho que não vive em casa, sei lá uma pessoa que não vive pra família, né, para os filhos. Sei lá... vive pela rua, não passa essas coisas.

(Jean - eletricista – 38 anos)

Estas falas, muitas vezes encontram-se permeadas por contradições e a presença paterna afetiva aparece por vezes somente quando se projetava idealmente a figura de um pai, que nem sempre se refere à realidade do pesquisado em questão, o que aponta para a existência de conflitos entre a paternidade idealizada e a efetivamente realizada. Ilustrativo disso é a observação de que o relato acima é de um pai que tem quatro filhos e se faz muito pouco presente na vida da filha mais velha, do primeiro relacionamento.

5.4. Interação cotidiana na vida do/a filho/a:

Na vida cotidiana deste homem é claramente identificável que as formas tradicionais de paternidade e masculinidade continuam coexistindo com formas novas, atuais e participativas de paternidade. Algumas situações agregam contraditoriamente estas diferentes formas de ver, viver e praticar a paternidade, articulando a junção de dois tipos de paternidade nos relacionamentos entre pais e filhos (Jablonski, apud Carvalho, Op. Cit) como se houvesse um hiato entre o pai idealizado e o pai real, efetivamente atuante.

Embora os homens venham se envolvendo nos cuidados com as crianças, é claro o entendimento dos próprios homens que estes cuidados possuem características complementares ao cuidado materno. As tarefas masculinas de educação e interação com as crianças vêm sendo vistas apenas como acessórias ao cuidado feminino. (Carvalho, 2001, Cruz, 2002).

Quando eu chego em casa.... Saio do trabalho, chego em casa, tomo banho aí janto aí seguro ele um pouquinho, pra aí boto uma canção de ninar pra ele dormir. (...) banho quem dá é ela, quem escolhe a roupa também. Mas trocar ele eu sei trocar. (Flávio – Mecânico Hidráulico – 23 anos)

Quadros, (op.cit) aponta que muitos homens limitam suas atividades domésticas aos cuidados com os filhos, deixando a cargo das esposas todas as outras tarefas, que são vistas como essencialmente femininas. Ainda assim, quando se envolvem nos cuidados com os filhos, os homens tendem a preferir as atividades lúdicas, deixando para as mulheres as tarefas de imposição de regras morais, educação, alimentação e higiene.

Aí é mais ela. Ela fica mais em casa com ele então ela define mais as coisas do que eu. Quando é pra passear que eu levo andava de bicicleta aí volto. Mas a parte de tomar banho, comida é ela com ela.(...) O que eu mais faço é jogar vídeo game.(...) Ele adora jogar vídeo game. Ele também adora jogar bola. O que eu faço mais é jogar bola. Tem um campinho lá perto de casa aí eu jogo bola.

(Vítor - 31 anos - entregador)

O que que o senhor faz, além de sentar, corrigir? Assim, coisas como brincar, cantar contar histórias, essas coisas.

Olha quem cuida mais dessa parte é a mulher. (...) Minha mulher, ela canta música de igreja lá com as crianças. Ela cuida do setor de crianças, lá na igreja, da escola dominical, ela é professora. Aí ela integrou as crianças. E graças a Deus, estão bem pra caramba.

Mas eu sou mais cascudão, sempre fico... participo, às vezes quando eu tô inspirado. Mas não vou dizer que sou 100% atuante nessa parte.

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

Existe uma visível desproporção na divisão de pais e mães quanto às tarefas domésticas e que verifica-se entre os homens o poder de escolher determinadas tarefas e impor condições para participar das atividades domésticas e no cuidado com os filhos(Quadros, 1996). Apesar desta realidade, Carvalho, op. Cit, aponta que as mulheres tendem a se sentir mais satisfeitas com o relacionamento quando o homem participa dos cuidados do/a filho/a, ainda que inexista uma divisão igualitária do trabalho doméstico Os pais entrevistados buscam apresentar uma postura igualitária e cuidadosa que vem, entretanto, permeada por contradições. Embora o homem se veja agente nos cuidados com o/a filho/a junto à mulher, almejem e efetivamente exerçam uma participação na vida de seus filhos diferencia da relação que tiveram com seus pais, este consegue se valer das relações hierárquicas e dos privilégios historicamente firmados ao homem a partir do modelo ocidental e machista da sociedade capitalista. O homem ainda vê o seu trabalho/cuidado com o/a filho/a como uma atividade complementar (embora não mais acessória) ao cuidado materno. (Quadros, 1996).

Porque na hora que eu saio pra trabalhar é a hora que dois estudam. Então eu levo dois pro colégio; café é quem faz sou que acordo cedo ela fica na cama ainda. É eu que faço.

(Jean - 38 anos - eletricista)

De manhãzinha eu fico com ele. Brinco, com ele jogo uma bola, brinco de carrinho com ele. Aí não é sempre não. É de vez em quando. (...) Porque, às vezes, não dá mesmo. Aí eu vou dormir.

(Vitor - entregador - 31 anos)

Fica claro para o homem que a criança tem uma vasta gama de necessidades que devem ser atendidas. Porém, quando se trata de se inserir nestes cuidados, eles têm uma autonomia muito maior que a mulher para decidir o que desejam (e de fato irão) fazer. À mulher, ao contrário, cabe o atendimento das necessidades das outras atividades, não elencadas pelo pai como prioridades naquele momento.

...Na volta da maternidade, o senhor aprendeu a trocar fralda [do filho prematuro] ou ficava com medo?

Nem dele eu tratei.

Não. E banho?

Nos primeiros dias assim, dele, nem banho, fralda nem nele eu peguei.

Nem pegou no colo?

Não.

Mas e o outro [o filho que não nasceu prematuro]?

O outro eu pegava. Só não trocava fraldas nem dava banho. *(Vitor - entregador - 31 anos)*

Ainda que os homens realizem atividades rotineiramente, fica claro, em seu discurso o entendimento de que o cuidado é uma ação que deve ser exercido por uma pessoa do sexo feminino.

Eu brinco com ele, cuido, dou mamadeira também. Quando ele ta lá em casa, no final de semana, eu faço a comidinha dele, porque ele gosta de macarrão e ela não sabe fazer um macarrão igual o meu.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Hi, dei banho [na filha]. cuidei da mãe dela e dela. Lavei, passei, cozinhei, fiz tudo. Fiz tudo. Porque a minha esposa ainda tava trabalhando nessa firma. A firma não mandou ela embora, mas me mandou embora. Resumo, alguém tinha que assumir a casa e cuidar do neném. Eu não tinha... a mãe dela morava longe e não se manifestou em ajudar. Eu também não fiz muita questão não. Sabe, não sou aleijado!

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

A gente entende um o outro. Quando eu não posso aí ela vai, quando ela não pode, eu vou. Então, quando ela não está em casa, eu que faço comida. Ela tem chegado tarde em casa e eu que faço comida, quando ela chega tá pronta. Eu que faço comida pra Raísa .

(Michel - 28 anos - balconista)

Outra questão que chama a atenção é o fato dos pais terem dificuldades em colocar limites ou negociar regras de comportamento junto aos filhos.

Pô primeiro, eu fico com pena até das crianças, a minha mulher briga pra caramba com as crianças. Mas ama muito as filhas. Eu conheço o modo e o amor dela. Ela é muito severa. Ela é muito severa com as crianças. Sei lá, acho que mãe quer escolher certo, e tal. Elas abusam de mim sabe. Até no modo de falar eu sou banana, palavra certa é essa. (...) Mas, pó, fui criado na pancada. Aí eu falo filha, pancada se fosse bom, bandido era doutor. Sempre converso, entendeu. Sempre explico. Às vezes eu dou um corretivo, uma chinelada no traseiro. Aí muito raro, mas eu prefiro muito mais conversar. Eu corto certas coisas que elas gostam. Outras vezes pego o DVD de desenho animado que elas adoram muito - eu to até com o do Nemo - que eu não deixei elas verem. Por causa de pirraça.

(Gustavo - operador de rádio - 45 anos)

Este fato quase sempre é deixado para a mãe e três fatores parecem contribuir decisivamente para este fator: 1) Os homens associam a figura de um pai ruim à prática de castigos físicos constantes e excessivos:

[Ser] Mau pai? É bater. Bater. Muitas vezes já vi lá uns pessoal lá bater nos filhos, mas não melhora em nada.

(Vítor - 31 anos - entregador)

2) os homens podem estar se afastando da imposição de limites pelo desgaste envolvido neste processo e preferindo firmar as mulheres como agentes fundamentais nestas ações. Há que se ressaltar que mesmo se os filhos vivem com ambos os pais, a questão dos limites é quase sempre tratada exclusivamente pela mãe e,

... tudo é briga entre os três... bagunça muito a casa, bagunça....

E quem corrige e separa as brigas é o senhor ou sua esposa?

É ela.

E o que o senhor faz com eles assim....?

Eu deixo. Eu não consigo controlar eles não. Num bato. Quem bate é ela, deixo essa parte pra ela. Assim... eu acho que eu que tinha que fazer mais não consigo bater neles, né? Deixo pra ela corrigir.

(Jean - eletricitista - 38 anos)

3) existe uma tentativa clara por parte de alguns homens de empenhar esforços para não reproduzir com seu/sua filho/a experiência ruim que tiveram com seus pais¹¹.

Em relação ao cotidiano da vida dos/as filhos/as, diversas falas ilustram verdadeiros estranhamento dos homens, demonstrando que muitas atividades de cuidado necessários à sobrevivência da criança não contam com o investimento deles. Talvez o ícone mais ilustrativo deste processo seja o fato de vários pais ignorarem completamente a refeição predileta de seus filhos, ressaltando somente que as crianças gostam de lanches e “porcarias”:

Agora me diz, o que suas filhas gostam de comer?

Olha, gostam de comer de tudo, de tudo. Gostam de comer de tudo.

Ah, assim... eu sei, comem de tudo. Mas tem alguma coisa que elas gostam mais?

Ah é iguaria, né? Comida de criança. É doce, essas porcarias. Porcaria que qualquer criança gosta. Guloseima.

(Gustavo - operador de rádio - 45 anos)

Esse aí [o filho caçula] é ruim de comer. Só besteira, fruta, hamburguer, só come esses negócios, suco. O outro[mais velho] não. O outro come de tudo

¹¹ Mais adiante resgataremos as relações dos entrevistados com seus próprios pais

(Vitor - 31 anos - entregador)

Gosta de comer. Eles gostam muito de comer danone. Danone, biscoito, as coisas que eles sempre pedem pra mim trazer quando eu vou trabalhar. Comida também. Mas comida... eles pedem muito biscoito.

(Jean - 38 anos - eletricista)

Além da comida, os estudos – uma categoria central na vida de qualquer criança – têm um acompanhamento distante por parte de alguns pais e próxima por outros, o que vem reforçar o entendimento deste tema como multicausal.

Estuda! Eu acho ela que agora ela tá na 5ª série, ou 4ª? Acho que é 5ª série. 4ª ou 5ª, não sei ao certo. Ela levou até uns trabalhos até pra minha esposa orientar ela. Eu tava fazendo um serviço de obra em casa, aí eu me concentro mais no meu trabalho, porque se parar ali, eu fico. Mas acho que é 4ª ou 5ª série. Mais provável que seja 5ª série.

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

Ele está com uma dificuldade em matemática. Esse sábado agora eu falei: “E aí? como é que está?”. As matérias estão boas, mas só que matemática é uma dificuldade.... mas isso a gente vai resolver.. A mãe dele também ensina a ele. Ele tá melhorando.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Esta escolha dos homens no campo dos cuidados infantis constitui uma expressão das relações de gênero vivenciadas por estes em seu cotidiano. Assim também é claro em seu

discurso uma tentativa de perpetuar relações hierárquicas no interior de sua casa, através de uma relação vertical com sua companheira.

5.5. Paternidade e gênero:

Se o mundo do trabalho aparece como um elemento importante para delinear a relação entre o homem e seu filho, também as relações de gênero vão ser relevantes para esse contorno. E, como gênero é uma construção social, se expressa em relacionamentos individuais e cotidianos. Neste contexto, apreender a dinâmica familiar nos permite vislumbrar o modo como os homens identificam atribuições sociais relativas ao âmbito masculino e feminino, caracterizando o espaço doméstico como um espaço de poder. Nas entrevistas identificamos relatos de homens que valorizam as atividades de suas mulheres.

E a sua esposa trabalha?

Ela atualmente não ta trabalhando.

Desde que o Matheus nasceu, ou antes?

Não. Quando ela não tinha o Matheus, ela treinava comigo e ela corre mais do que eu aí a gente sempre pegava um dinheirinho na corrida. Ela sempre corria.

Ah, tá no final tem prêmios, mas só para os primeiros colocados.

Ela sempre ganha, ela gosta muito de esporte né. (...) [ela ganha] cem ‘merés’, duzentos ‘merés’ [por corrida]. E é um negócio também que faz bem pra saúde. E ela gostava também. Aí quando tinha uma diária ela fazia também. Pô ela queria mesmo. Guerreira mesmo. Tem que ser guerreira, tem que ser. Tá na luta no dia-dia aí.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Esta não é uma unanimidade, e foram identificadas em outras entrevistas buscas por caracterizar a contribuição feminina como acessória nas atividades remuneradas na esfera pública, ressaltando o âmbito doméstico como o âmbito por excelência para a participação feminina. Destaca-se, na terceira etapa desta fala, que, o homem participava efetivamente das atividades domésticas, porém é clara a natureza circunstancial desta participação e o entendimento do trabalho doméstico como feminino.

E sua esposa trabalha?

Não por causa dos filhos ela teve que parar de trabalhar, mas quando eu a conheci ela trabalhava. Agora eu arco com tudo. (...)

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

Eu já estava trabalhava nessa empresa que eu trabalho. Já estava estabilizado, tanto com tempo de casa como financeiramente. Dava pra cobrir minha despesa. Ela tinha o lancezinho dela lá. Que ela disse que vai retomar, um pano bordado. Um paninho que ela faz lá.os crochê. Eu não me meto nesse lance da vida dela, não.

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

Há que se ressaltar que estas contradições persistem, mesmo debaixo de um discurso de participação:

A gente entende um o outro. Quando eu não posso aí ela vai, quando ela não pode, eu vou. Então, quando ela não está em casa eu que faço comida. Ela tem chegado em casa tarde e eu que faço comida, quando ela chega ta pronta. Eu que faço comida pra Raísa.

(Michel - 28 anos - balconista)

A idéia do homem como centro da família e eixo principal do lar, persiste, como indicativo da convivência do modelo tradicional de paternidade ainda hoje, fundamentado em uma hierarquia de gênero.

Olha pra ser sincero, pra ser um bom pai, na minha concepção, ele tem que não só ser atuante, mas tem que ser... ele tem que colocar na cabeça que ele é quase, vamos supor, é o núcleo daquela família. Ele é o esteio central. Se ele cai, cai todo mundo.(...) A mulher fica perdida. Ela precisa daquele apoio.

(Gustavo - operador de rádio - 45 anos)

As relações de gênero também se expressam no entendimento masculino a respeito da reprodução. Não se trata de uma questão menor. Um elemento fundamental no processo de cuidado de uma criança é a relação que o casal estabelece no período anterior a ela. Isso por que cuidado desenvolvido junto às crianças, inicia-se sempre em um período anterior à sua existência. A história anterior da criança, inclui o planejamento (Maldonado, 2003), o desejo e a aceitação que esta recebeu e o lugar que esta tem na vida de seus genitores e de sua família em seu sentido mais amplo. Todos esses elementos nos fornecem indicadores para localizar fatores de proteção e de risco já instalados e influenciadores da vida desta criança. Além da opção privada de seus pais em concebê-las (ou não), há que se ressaltar também a importância das condições sociais mais amplas que são proporcionadas por seu grupo social ou por seu país, no sentido de reconhecê-las como sujeito e preservar esses cuidados.

Nesta pesquisa, o relacionamento do casal no período anterior à gestação configurou-se como elemento fundamental para a aceitação da gestação e qualidade do vínculo futuro com a criança. Pudemos identificar que existem diferentes experiências em relação à vivência

do casal antes da realização da paternidade. Alguns homens já mantinham um relacionamento considerado por eles como sólido antes da gestação. Este fator apresentou-se como um elemento fundamental para o fortalecimento do homem para lidar com possíveis contratempos no quadro de saúde, ou com as necessidades especiais que a criança possa ter.

...a menina - primeira - nossa morreu.(...) na hora de nascer. Foi uma facada pra a gente. E ela [a esposa] falou: “-Não tem nada não, a gente vai conseguir.” Depois dois ou três anos ficou grávida de Matheus . (...)

Aí minha sogra que falou: “ - lh, o Matheus nasceu cheio de problema”. Eu falei: “- Que problema?”.

Ela [a mãe] ficou amuadinha, esperando lá. Eu falei: “-Vamos lá ver. ele”.

As enfermeiras [falaram] “- Pô pai, você é diferente dos outros.”.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

Fica claro, no depoimento acima, a importância do apoio e do reconhecimento social, expresso na fala do profissional de saúde como facilitadores de sua relação com o filho deficiente.

Eu queria que acontecesse[a gravidez]. Só que quando teve assim perto da, do final da gravidez ela teve aqueles problemas eu fiquei meio preocupado. [Ela] Teve crise de bronquite e foi correndo pro hospital. Aí foi nesse dia que os médicos descobriram que meu filho tinha esse problema e tinha que operar. Aí eu fiquei mais nervoso ainda, com aquele sentimento assim... que seu filho nasceu, que você ganhou um filho, mas como esse negócio de operar fica assim na cabeça “Ah, vou perder meu filho”, entendeu?

(Flávio - 23 anos - mecânico hidráulico)

Importante destacar a recorrência das falas que expressam um vínculo profundo dos homens com seus filhos, da tristeza pela condição de saúde dos mesmos e do esforço em fazer esforços para a superação do quadro ou pelo aumento da qualidade de vida de seus filhos. Estes fatos não vêm recebendo a devida atenção por parte dos profissionais de saúde, que pouco vem se debruçando sobre as vivências masculinas de paternidade. (Cruz, op.cit, Carvalho, 2001)

A análise das entrevistas mostra ainda que o relacionamento sólido entre o casal contribui para o envolvimento do homem com seus/as filhos/as. Entretanto, um relacionamento não é considerado sólido pelo homem apenas pela sua duração temporal. Elementos como confiança, cumplicidade e a construção de planos futuros, tornam o homem mais disposto a assumir o/a filho/a e a gestação, sendo a gravidez muitas vezes o elemento que antecipará a união do casal e a construção de uma família.

Não foi programado. Foi uma situação assim que aconteceu. E quando a Raíssa nasceu eu falei assim: “- Vou criar”. E a avó queria tirar. “- Ah, vai tirar”. “- Não, não vai tirar”. A mãe falou que não ia tirar. A mãe no caso, a mãe da Raíssa, falou que não ia tirar. [a avó] achava que a mãe era muito nova, não tinha responsabilidade. Aquele cuidado de mãe, a gente entende. (...) Aí eu botei o pé falei: “- Não vai tirar. Eu vou criar minha filha.” E pronto e acabou. Aí hoje em dia é o xodó dela, né?. (...) Aí eu fico pensando né, ainda queria tirar, né? Mas é coisa de mãe, a gente entende. Vai ter um momento a gente vai passar por isso também. Espero que não assim. Tô educando pra que seja diferente.

(Michel - 28 anos - balconista)

Por outro lado, se inexistir uma relação estreita com a mulher, a interação com a criança, tende, no mínimo a ser mais dificultada e a união do casal - nos casos em que ela acontece - passa a ser enfrentada como um fato da vida que inclui uma responsabilidade a ser assumida e não como um evento planejado, verificando-se uma separação posterior. Nestes casos, o homem acusa a mulher de tentar manter uma relação com ele a partir do surgimento desta criança, eximindo-se de sua responsabilidade em relação à saúde reprodutiva. Cabe aqui salientar que em poucas falas o homem se apresenta como sujeito ativo de um processo de planejamento familiar (e aqui definimos planejamento familiar como uma forma de concepção e contracepção), deixando à mulher e ao acaso as repercussões deste processo. Um entrevistado culpa exclusivamente a parceira pela gestação de um filho indesejado por ele, e a acusa, de tentar garantir o relacionamento através desta gestação. Em nenhum momento há a problematização do filho como fruto de uma relação que envolve necessariamente duas partes.

Olha, na época realmente eu não queria [a gravidez]. Foi até uma chantagem - que eu não gostei - dela. Primeiro que eu estava desempregado naquele tempo. Eu sou uma pessoa que pensa o seguinte: quem quer ter filhos tem que ter condições de cuidar dos filhos condições financeiras. E nós não tínhamos na época. Eu falava pra ela: “-Não pega filho agora, não. Vamos tentar estabilizar nossa situação; nós estamos em fase de mudança.” (...). Mas como a menina - muito cabeça dura - achava que filho, -não vou dizer todas as mulheres não, mas tem umas mulheres que acham- que filho prende homem. (...) Aí ela se ligou nisso. E veio Brenda, que é o nome da menina.

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

Ainda quando o homem não possui uma postura de culpabilizar a mulher pela gravidez, efetivamente, nos casos identificados, foi possível verificar que a situação foi tomada principalmente como um desafio de vida que impunha responsabilidades ao casal e que ambos teriam que assumir esta responsabilidade, com mais ou menos satisfação. Quadros, 1996, também partilha este achado em sua pesquisa, afirmando que nos casos em que a gestação influencia a decisão do casal de assumir a união, existe um reconhecimento de que o evento da gravidez é de responsabilidade de ambos, como se segue no depoimento abaixo:

O primeiro filho, foi planejado?

Não. Aconteceu dela engravidar

E aí, sabendo que ela estava grávida foi bom, foi ruim ou foi mais ou menos?

Eu achei que foi bom (...) Eu não queria os outros também. Agente não pensou não. Foi vindo um atrás do outro

(Jean, 38 anos, eletricista)

O fato de muitos homens avaliarem a responsabilidade sobre a concepção/contracepção como exclusivamente feminina e considerar como falhas da mulher os insucessos porventura existentes neste momento, parece ser um elemento que contribua para um entendimento de muitos homens de que cuidado infantil é uma atividade fundamentalmente feminina. Se os homens não se sentem com responsabilidades iguais às das mulheres no nascimento de uma criança, avaliam que - conseqüentemente - sua participação no cuidado com a prole também não deve se efetivar com a mesma intensidade que a da mulher, se este assim o desejar.

Mesmo quando o homem afirma não desejar mais ter filhos, o mesmo, em alguns casos, parece não se reconhecer como um protagonista neste processo.

É... Mas ela tá com umas idéias abestalhadas de querer ter um filho homem, e quer também ligar. Pô a vida tá tão braba. Colocar mais uma vida no mundo. Às vezes eu converso com ela. Assim, colocar um filho no mundo é uma responsabilidade muito grande. Primeiro, que o mundo já não está caminhando para uma fase legal. Segundo, que o Brasil infelizmente, eles não dão oportunidade pra gente crescer, desenvolver, tanto financeiramente quanto profissionalmente. Vê lá o que você vai fazer.

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

A idéia de que o homem possui pouca ingerência sobre sua vida reprodutiva parece atingir também as mulheres. Carvalho et al, (2001) analisando a realidade de São Paulo afirmam que 78,8% das mulheres utilizam métodos contraceptivos que prescindem do companheiro para sua eficácia (pílula, injetável, DIU, diafragma) entretanto, 82,7% das mulheres entrevistadas afirmam que seu companheiro participa do seu processo de contracepção. Os autores ressaltam que a percepção das mulheres sobre esta participação deve-se ao fato dos homens apoiarem o uso do método ou utilizarem eventualmente outro método quando a mulher precisa suspender temporariamente o método utilizado.

5.6- Separação conjugal e paternidade:

O relacionamento entre o homem e a mãe de seu filho não pode ser entendido como uma questão menor para o desenvolvimento da paternidade. Os resultados demonstram que se o homem reside com a mulher ele tem, de modo geral, uma postura muito mais presente na vida do/a filho/a.

O outro [que não reside com ele] fica meio... um pouco distante, mas eu ligo pra ele converso com ele[no dia do aniversário]. Esse aí a gente faz [festa de aniversário,] né. A teve festa dele, foi num salão. Festa de palhaço. Brincou se divertiu, ganhou presente. Foi legal.

(Vítor - 31 anos - entregador)

Agora não[acompanha a vida do filho], agora não porque ele tá na escola e eu tô separado. [mas quando residia com a mãe] eu ia à reunião pra ele, com ele. Passeava de bicicleta.

(Vítor - 31 anos - entregador)

Quando ela [a mãe da filha] teve a Raíssa. eu não estava mais com ela, entendeu? Aí então eu não tive muito contato com minha filha não.

(Jean - 38 anos - eletricista)

Nos casos onde o diálogo entre os pais separados é muito dificultado é comum que o homem se afaste definitivamente, deixando ao encargo da mulher toda a responsabilidade de guarda, educação e sustento com a criança.

...foi um relacionamento pior ainda, depois que separou. Porque eu queria ver a menina, ela não deixava eu ver a menina. Por diversas vezes eu entrei em atrito com os irmãos dela. (...) No entanto, [eu] tenho até testemunha sobre isso, aí ela chegou na minha cara, diante dessas pessoas que eram amigas nossas [e falou]: “Enquanto eu tiver braço e perna - foi a expressão que ela disse pra mim - eu não vou depender de ninguém, nem de um pai.”

(...) Como eu já estava viajando na estrada - e eu fico até um pouco envergonhado pela a minha atitude que tomei - aí eu virei as costas de vez.

(Gustavo, - operador de rádio – 45 anos)

O reconhecimento de falha no compromisso com a educação do filho pode portanto aparecer, como na expressão “envergonhado”, mas como vimos na fala de Gustavo, mas não foi comum entre os outros pais separados com relação aos filhos destas relações.

Chama atenção, quanto se trata da vida cotidiana um discurso dúbio em relação à paternidade. Muitas vezes, o homem afirma ser presente, participante e solícito com o/a filho/a que reside junto com ele em paralelo a um relato de um investimento de menor intensidade nos que não possuem esta condição.

A gente se vê de vez em quando. De seis em seis meses... A gente passa até ano sem se ver. Agente só se vê assim, quando [ela] vai lá em casa (...) [Ela] Fica uns dias e depois vai embora de novo. Como a mãe dela já é casada de novo, então [eu] não vou visitar. [É] ela que vem me visitar. (...) eu não fico muito com ela não. (...) Só quando ela passa esses dias [lá em casa]. Esses dias é geralmente só a noite quando eu chego do trabalho (e) às vezes ela ta dormindo... e agente não conversa, quer dizer, não tenho tanta, assim, liberdade com ela, né?! (...) Os outros [filhos que residem com ele] são muito levados, mas eu gosto muito deles. São levados demais. (Jean - eletricista - 38 anos)

O afastamento do homem de suas atividades junto aos filhos/as existe também nos casos onde a mulher se casa ou vive conjugalmente com um outro homem. Nestas situações, o homem tende a avaliar que, se uma vez que outro homem assume socialmente o papel de

pai, pode-se passar a ele toda a responsabilidade com a criança e assim, firmar seu afastamento do/a filho/a.

Nunca paguei pensão não. Eu ajudo, quer dizer, eu não fiquei com ela. Ela se casou logo. O outro é como se fosse pai. (...)Ele cuida dela. Ele cria, no caso ele cria né? Eu sou o pai biológico e ele cria ela.

(Jean – eleticista – 38 anos)

Se esta realidade é bastante presente nos extratos mais empobrecidos da população, há que se ressaltar que inicia-se no cenário político e social brasileiro um movimento de homens em prol do exercício da guarda compartilhada. Esta, entretanto, parece ser uma tendência de alguns homens das camadas médias que possuem valores menos pautados na hierarquia (Cruz, op.cit).

Foi possível vislumbrar exemplo onde o homem mantinha contato sistemático com o filho, mesmo após a separação. Neste caso, embora houvesse a separação concreta do casal, havia um diálogo entre ambos e o homem conseguiu manter uma avaliação das qualidades que a mãe do/a filho/a possa ter, se aproximando do/a filho/a com mais frequência do que nos casos onde o diálogo é inexistente.

Ele está com uma dificuldade em matemática. Esse sábado, domingo agora eu falei: “-E aí, como é que está?” As matérias estão boas, mas só em matemática tem dificuldade.... Mas isso agente vai resolver.

A mãe dele também ensina a ele. Mas ele está melhorando [na escola]. Não é porque separou [que ela é uma pessoa ruim](...)

Depois de um tempo que nós divorciamos, ela quis voltar, mas aí eu já tinha entregado a minha casa... (Ricardo - 42 anos – segurança)

A convivência diária em uma mesma residência com os/as filhos/as aparece como um fator positivo para o desenvolvimento de uma relação paterna mais presente. Entretanto, a convivência não se apresenta como um obstáculo intransponível se o homem deseja manter contato regular com os/as filhos/as.

Com o outro filho [o que não reside com ele] esse final de semana ele vai lá pra casa. Sábado e domingo. (...) ele fica, todo final de semana mais comigo. Muito difícil ele não passar lá.

(Ricardo - 42 anos - segurança)

Chega lá final de semana eu pergunto como está a escola. Ele tá aprendendo violão. Aí "- Pai me dá um dinheirinho pra comprar corda pro meu violão". Aí ele falou: - "Pai, no meu aniversário quero um violão". Isso no ano passado. Aí eu falei: "-Pô não tenho dinheiro não, mas vamos lá nas Casas Bahia que é 10 vezes sem juros". Comprei o violão pra ele. Ficou todo contente. Meu filho é maior barato, maior barato!

(Ricardo - 42 anos - segurança)

Nos casos em que o homem reside com a sua prole, a apreocupação com o sustento do/a filho/a é objeto de preocupação constante deste pai. Entretanto, além da provisão, a questão da atenção às necessidades diárias aparecem com relevância e frequência.

Eu converso muito com ela. Pra que ela deixa pra quando crescer a gente conversar. Ela passar os seus problemas pra gente, e a gente passar nossos problemas pra ela. Ser amigável. E como muitos pais aí não gostam de falar sobre sexualidade claro que a gente vai ter o momento certo. A gente

Outras vezes, no entanto, o pai não é uma referência positiva, um ideal a ser copiado e alcançado. Foi expressiva no conjunto dos relatos, a quantidade de homens que tiveram experiências negativas com seus próprios pais, como sugere o texto a seguir:

Meu pai...Não tive pai. Não me lembro nem dele!

(...) Eu sei que meu pai bebia muito, meu pai.

(...) Bebia muito, só chegava bêbado em casa.

(Ricardo - 42 anos - segurança)

Interessante ressaltar o recurso da falta de lembrança do tempo de criança, como uma tentativa de encobrir a vivência de uma infância ruim. Um entrevistado, inicia a fala sobre seu pai da seguinte maneira:

Porque eu não sei como fui criado - criança não lembra das coisas - mas eu acredito que meu pai não fez nem um terço do que eu fiz pros meus filhos. Com relação, assim, ajudar as coisas em casa. Meu pai é daquele antigo ainda. Coronel militar. Ele é vivo ainda. Mas não, a mente que eu tenho, eu tenho a mente aberta, eu tenho. Mais velho, já não tem a mente igual a minha. É casca grossa. Sabe qual é? Sei lá eu acho que a gente tem que crescer. Porque ficar velho todo mundo vai. Mas tem que desenvolver a mente, pombas. Tem que acompanhar.

(Gustavo - operador de rádio - 45 anos)

Entretanto, no decorrer da entrevista, fica claro que existe uma lembrança ruim desta fase da vida.

Eu não tive uma infância muito boa não.(...) O meus pais brigavam muito. Meus pais, pô eram um bando de bichos, sabe qual é? Fui criado, pancadaria, fui escudo. Muito, muitas vezes eu, pra aquela briga não se tornar um aborrecimento pior, eu me metia na briga. Não tive uma infância legal. Tanto é que meu pai nunca deixou faltar alimentação, isso graças a Deus, sempre foi um cara farto como é até hoje, apesar de velho. (...)Eu não tive uma infância legal.

(Gustavo - operador de rádio – 45 anos)

Esta vivência possui evidente repercussão nas ambigüidades que estes homens muitas vezes terão ao desempenhar seu papel paterno. Cruz (2002), com base em Loewestein e Barker (1998), destaca que os homens jovens de comunidades carentes não possuem espaço para tratar das questões de paternidade e, percebem a figura do pai como irrelevante para a educação dos filhos. Outrossim, mesmo sem treinamento ou reflexão, os homens mostram-se dispostos a tentar superar os hiatos que vivenciaram com um modelo de paternidade negativa. Cuidar dos filhos de maneira diferente da que foi cuidado, possibilita a eles re-editar os cuidados que não receberam.

Ilustrativo é o fato de que os entrevistados que relatam uma vivência paterna ruim, também relatam um esforço de um relacionamento melhor com seus filhos. Quadros (op. Cit) aponta que os homens buscam compensar nas famílias de procriação, muitas das experiências negativas vividas em suas famílias de origem.

Aí eu falei: “- O quê? Negativo. Vou ser um super pai pro meu filho.” E tô sendo, nesses quatorze anos.

(Ricardo - 42 anos – segurança)

A realização de esforços para a implementação junto a seus filhos um modelo a que eles, muitas vezes, não tiveram condições de vivenciar, pode ajudar a entender as aparentes contradições entre a paternidade idealizada e exercida.

6. Conclusão e Propostas

Os pais entrevistados reconheceram a importância da sua presença e da convivência diária com o/a filho/a, desfrutam com prazer muitos desses momentos, mas se negam a dividir igualmente os encargos que os filhos proporcionam e tendem a escolher as tarefas, que mais lhes agradam desenvolver, deixando para a mulher a maior parte do trabalho doméstico, conforme demonstram outros estudos (Quadros, op.cit). Como buscam manter os privilégios inerentes à hierarquia de gênero, a questão dos cuidados em nível indireto não foi sequer abordada por grande parte dos entrevistados. Atividades como lavar e passar a roupa da criança, preparar sua comida, sequer figuram no imaginário de alguns pais como tarefas relativas às crianças e que possam ser de sua responsabilidade. Estes resultados demonstram, a não identificação da importância dos cuidados doméstico para a formação integral das crianças, entre os homens ou a negação destas tarefas como passíveis de realização por eles.

Merece também ênfase o reconhecimento dos homens sobre a importância de sua participação como uma contribuição positiva na vida dos filhos, que se firma para além da questão do provedor ou do disciplinador, com destaque para uma valorização das atividades afetivas, interativas e companheiras junto aos filhos. Entretanto, se o modelo de provedor não aparece de maneira exclusiva no ideário masculino de paternidade, é imprescindível ressaltar que este ainda permanece como um elemento fundamental na constituição do imaginário de paternidade no Brasil (Siqueira et all, 2002), associados à questão da responsabilidade/respeito e da construção de uma família como elementos fundamentais na análise do homem do seu próprio sucesso no papel de pai.

A mulher mostra-se como um elemento decisivo para o exercício da paternidade, exercendo influência na qualidade da participação do homem nesse processo. Esta influência também se deve ao modo como o homem e a mulher se relacionam enquanto pais e como casal. Estas interações podem contribuir para alterar relações vislumbradas, nas quais os

homens procuram que a mulher assuma uma maior responsabilidade nas atividades de cuidado indesejadas para eles, bem como no planejamento da gestação.

Verificou-se que a interação entre pai e filho/a é efetivamente facilitada quando pai e mãe vivem juntos e vai depender muito da relação que o casal estabelece quando o pai não coabita com a mãe da criança. De fato, a separação do casal, tende a fragilizar o contato deste homem com o seu filho e a qualidade com que ele exerce a sua paternidade, porém se esta questão possui uma efetiva influência, ela não se constitui como único determinante desta relação. Assim, homens que já valorizavam e desenvolviam um componente afetivo mais próximo de seus/suas filhos/as, tenderam a manter um padrão de contato e interação muito próximo do que desenvolviam ao coabitar com seu/sua filho/a.

O estudo sugere que o vínculo afetivo carinhoso com a criança pode contribuir para incluir os homens nos cuidados gerais com esta (em detrimento de uma participação seletiva) bem como aumentar sua responsabilidade no planejamento de novas gestações. Isso por que os homens entrevistados tendem a não valorizar seu papel de sujeitos ou protagonistas de cuidados, deixando para a mãe este encargo e encarando os filhos não planejados como “golpes” da mulher ou irresponsabilidade do casal. Este comportamento reprodutivo do homem encontra-se intimamente articulado à forma com que os conceitos de masculinidade e reprodução são vivenciados nas sociedades, articulados a um complexo entrelaçamento das dimensões biológicas, sociais, psicológicas e culturais, ligadas à procriação (Figueiroa apud.: Vilella e Arilha, 2002). Ainda que o âmbito legal reconheça o homem como co-responsável pela gravidez, a cultura antropocêntrica e machista das sociedades latinas, busca reafirmar a exclusividade feminina nesta questão e muitos homens parecem ignorar sua responsabilidade no processo reprodutivo. Há portanto, que se debruçar em uma reflexão sobre a importância do planejamento familiar enquanto um direito social que deve ser promovido para que os sujeitos possam decidir de maneira autônoma sobre o número de filhos que desejam ter e qual

o espaço ideal entre uma gestação e outra (Martins, et al, 2006), sem esquecer que esta responsabilidade compete ao homem, à mulher e ao casal (Brasil, lei 9.623/92).

Além do relacionamento do casal, um outro elemento que se mostrou fundamental nas variações no tipo de vínculo com que o pai desenvolve com seu filho é o tipo de relacionamento existente ele e o seu próprio pai. Esta relação será decisiva e será utilizada como parâmetro para interação com seu filho – quer repetindo, quer superando esta experiência. De fato, tendo vivenciado negativamente uma experiência, o desejo de superá-la aparece tanto na intenção de reduzir estes possíveis danos em seu/sua próprio/a filho/a, quanto no desejo de uma compensação deste próprio pai, através da vida de seu/sua filho/a. Entretanto, as contradições neste campo aparecem muito fortemente: muitos homens que passaram por experiências ruins com seus próprios pais se afastaram de seus filhos após o término do relacionamento afetivo, verificando-se assim, um padrão de repetição de suas vivências.

O movimento de procurar conciliar, afeto, interação e parceria com a criança, associado à manutenção de privilégios e distanciamentos do mundo privado tradicionalmente pertencentes ao âmbito masculino não devem ser atribuídos unicamente a investimentos e características individuais dos homens entrevistados. Eles expressam e estão fortemente influenciados por uma cultura que não lhe garante direitos para efetivamente fazerem-se presentes na vida das crianças. Ilustrativo são as longas jornadas de trabalho a que muitos são submetidos¹², aliada ao não reconhecimento de um período de interação superior a cinco dias por ocasião do nascimento do/a seu/sua filho/a.

Portanto, para a discussão sobre o exercício de uma nova forma de paternidade, efetiva e afetiva, voltada para todas as crianças, não se pode prescindir de uma reflexão sobre

¹² Importante ressaltar que atualmente as mulheres também são submetidas à jornadas exaustivas de trabalho e tendem a ter um tempo de interação efetivamente menor com eles. Entretanto, o entendimento cultural do filho/a como responsabilidade da mãe, permite uma aceitação melhor no emprego de faltas que esta possa vir a ter em virtude dos filhos que não são propostas ao homem com a mesma qualidade.

desigualdade, pobreza, comprometimento do Estado, legislação e políticas sociais. A condição de classe exerce influência na possibilidade de uma interação de qualidade entre o homem e seu/sua filho/a. Existem diferenças significativas que facilitam o exercício da paternidade em estratos médios da sociedade e dificultam seu exercício junto aos mais pobres.

Como o Estado e a sociedade são responsáveis pela qualidade de vida de suas crianças; o apoio às famílias tem um papel fundamental, de modo que não se pode prescindir da criação e efetivação de políticas de sociais que forneçam subsídios para as famílias no cumprimento de suas responsabilidades¹³. Esta afirmação se pauta no pressuposto que a família constitui um âmbito privilegiado de permanência e socialização da criança. A ausência de políticas públicas que reconheçam e valorizem a paternidade, reforça o ideário de pai provedor e mãe cuidadora, e reproduz o binômio dominação/subordinação entre os sexos (Cruz, 2002).

Cabe aqui ressaltar que não existe nenhum relato de homem afirmando ter sido instrumentalizado em qualquer âmbito da política pública (nem mesmo na área da saúde, onde estes se faziam presentes) para o cuidado paterno. Esta capacitação para os cuidados com os filhos torna-se fundamental nos dias de hoje diante das transformações existentes no âmbito da família, que passa a assumir de maneira mais direta os cuidados com as crianças pequenas (Saraiva, 1998).

As instituições de saúde – para além de suas atribuições de cuidadoras diretas - devem também se firmar como importantes difusores/instrumentalizadores de cuidados à

¹³ É importante o reconhecimento da família como uma importante instituição social voltada para a proteção e cuidados das crianças. Entretanto, o que se observa atualmente no campo político é que a valorização deste espaço vem articulada à desresponsabilização pública sobre a infância, deixando a família como principal unidade de reprodução social de seus membros. Há que se resgatar um preceito da própria ONU preconiza que todas as instituições respeitem o bem estar das crianças e instrumentalizem as pessoas encarregadas de seus cuidados para que estes tenham um grau ótimo de cuidado, sustento e proteção. (Vide referência no final do texto). Esta instrumentalização, principalmente em países com alto grau de desigualdade, como o Brasil, não pode prescindir de uma efetiva do Estado para que se efetivar.

saúde dos grupos humanos em geral, e em particular das crianças. Neste contexto, os profissionais de saúde podem se constituir como elementos fortalecedores de um modelo cuidador de paternidade, através do reconhecimento do caráter político de sua prática profissional. Cada profissional deve estar consciente de que seu fazer profissional está efetivamente articulado a um conceito de gênero e às idéias de masculinidade e feminilidade que emergem do campo simbólico, cultural e ideológico. Estes conceitos e idéias, expressam a existência de conflitos sociais, onde os homens exercem relações de poder vinculadas à dinâmica desigual da própria sociedade, bem como os signos identitários e as expectativas sobre os comportamentos de cada um em relação a si mesmo e em relação aos outros. (Villas, 1999 e Vilella e Arilha: 2002).

Se o processo de participação do homem na vida do filho pode ser identificado como um importante elemento de promoção de sua saúde, sua participação deve ser valorizada ativamente pelos profissionais de saúde que atuam nos cuidados com crianças. Avaliar o pai como uma referência fundamental para o desenvolvimento da criança, implica em reconhecer e estimular seu envolvimento direto com o filho, o que aponta para a necessidade de sua capacitação nesses cuidados, já que esta é uma habilidade aprendida socialmente.

Oferecer à família informações que ajudem-na a conhecer sua criança, de modo que ela possa se sentir confiante em seus cuidados, constitui um elemento crucial na garantia de uma vida marcada por saúde e afeto. A informação fornecida aos pais é, indiscutivelmente, um fator de fortalecimento e de capacitação para os cuidados infantis. Há, portanto que se apropriar destas possibilidades para o desenvolvimento de práticas profissionais, que podem ser trabalhadas durante todo o ano, e não somente em atividades pontuais em datas comemorativas como o "Dia dos Pais". A transmissão de conhecimentos necessários para os cuidados com a criança constitui um dos pilares deste processo de modo que, questões como higiene, alimentação adequada, controle de saúde (Brasil, s/d) e desenvolvimento infantil

devem fazer parte das atividades de rotina a serem trabalhadas com os pais (homens). Tais ações devem ser permeadas por uma filosofia que valorize positivamente as atitudes dos homens com repercussão na vida das crianças contribuindo para com um novo *ethos* de cuidado infantil, valorizando a auto-estima e sentimento de inserção positiva, firmando a importância da participação dos pais no atendimento à saúde - tanto no âmbito do hospitalar como fora dele.

7. Referências Bibliográficas

- ANDRADE, C. T. L. et al. “Desigualdades sócio-econômicas do baixo peso ao nascer e da mortalidade perinatal no município do Rio de Janeiro”. in.: *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2001. sup 1; pág. S44-S51.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez; Campinas:editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. O lugar dos homens na contracepção. In.:SILVA, Dayse (org) **Novos contornos do espaço social: gênero, geração e etnia**. Rio de Janeiro, UERJ, 1999, pág 23-29.
- ARILHA, Margareth. Homens jovens, gênero e masculinidades In: MAC, A. **Perspectivas em saúde e direitos reprodutivos**. Sem local: Fundação MacArthur, 2000.
- BADINTER, E. **Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARBOSA, S. Machos, homens e masculinidades. Percursos, trajetos e caminhos com grupos de homens. In: MAC, A. **Perspectivas em saúde e direitos reprodutivos**. Sem local: Fundação MacArthur, 2000.
- BARDIN, L., 1979. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- BARKER , Gary **AIDS: O que os homens tem a ver com isso?** (2002) Disponível em: <www.promundo.org.br>. Acesso em: 28 de junho de 2006.
- BOFF, Leonardo. O ethos que cuida. Rio de janeiro, 2003. Disponível em: <www.aleitamento.com>. Acesso em: 28 de junho de 2006.
- BRASIL. **Normas de atenção humanizada do recém nascido de baixo-peso (método canguru)**. Brasília: Ministério da Saúde; s.d. 20 p.

_____ lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996.

_____ **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Saraiva, 1998.

_____ **Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8.069/90.**

_____ **Lei Orgânica da Saúde – Lei, 8.080/90.**

CARDOSO, J . Paternidade adolescente: da investigação à intervenção In:ARILHA, M, UNBEHAUN, M e MEDRADO, B. **Homens e Masculinidades. Outras Palavras.** São Paulo: ECOS, 1998.

CARVALHO, Maria Luiza de Mello e. **A participação do pai no nascimento da criança: as famílias e os desafios institucionais em uma maternidade pública.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2001. Dissertação de mestrado em psicologia. (mimeo)

CARVALHO, Marta et all. Participação masculina na contracepção pela ótica feminina. São Paulo. **Revista de saúde pública** nº 35. São Paulo ; USP. Pág 23-31.

COSTELLO, Joan; PICKENS, Lisa Marie e FENTON, Jennifer. Bases de apoio para crianças e famílias: uma questão de formação de vínculos. In. Rizzini, Irene (Org). **Pesquisa em ação: crianças, adolescentes famílias e comunidades.** Rio de Janeiro, Editora Santa Úrsula, 2002. pág 15-52.

CRUZ, M H S. **O pai e a amamentação do filho. Um estudo exploratório com pais de classe média.** [Dissertação de mestrado] Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira; 2002.

FONSECA, S.C. e COUTINHO, E.S. P. Pesquisa sobre mortalidade perinatal no Brasil: Revisão da metodologia e dos resultados. In.: **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, 2004. sup 1: S7-S19.

GREGORI, Maria Filomena. **Viração: experiências de meninos nas ruas.** São Paulo: Companhia das letras, 2000.

- HEIBRON, Maria Luiza. Palestra inaugural – **Gravidez na adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social.** In: seminário gravidez na adolescência. Sem local, s/d.
- KLAUS, Marshall. e KENNEL, John. **Pais/bebê: a formação do apego.** Porto Alegre. Artes MÉDICAS, 1992.
- LEAL, M.C., et al. Fatores associados à morbi-mortalidade perinatal em uma amostra de maternidades públicas e privadas do município do Rio de Janeiro, 1999-2001 **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, 2004. sup 1: S20-S33.
- LEITE, D. M. A., LYRA, J. L., ZUCCO, L. P., SILVA, M. A., MARTINS, A. C., COSTA, A. C. S. **Saúde Reprodutiva para quem gera e quem é gerado: Análise do perfil das adolescentes usuárias dos serviços prestados pelo ambulatório de pré-natal e das acompanhantes de crianças internadas nas enfermarias de cirurgia pediátrica.** Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira/UFRJ, 2003 (mimeo).
- LIMA, Jeanne. **As enfermarias de Pediatria do HUPE: um espaço para a garantia dos direitos das crianças e seus responsáveis.** Trabalho de conclusão de residência. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.
- LIRA, George, **Paternidade adolescente: da investigação à intervenção** In.: Arilha, Margareth, Ridenti, Sandra e Medrado, Benedito. (orgs) **Homens e masculinidade: outras palavras.** São Paulo: Ecos editora, 1998. pág 185-204.
- MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da gravidez.** Petrópolis, Vozes, 1985.
- _____ **As sementes do amor: educar crianças de 0 a 3 anos para a paz.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- MARQUES, M. Editorial. In: MAC, Arthur. **Perspectivas em saúde e direitos reprodutivos.** Sem local: Fundação MacArthur, 2000.

- MARTINS, Aline de Carvalho. **Gênero, exercício da paternidade e práticas de saúde que promovam o fortalecimento das relações entre pais e filhos.** Rio de Janeiro: 2003 (mimeo).
- MEDRADO, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil: imagens vinculadas pela mídia". In.: Arilha, Margareth, Ridenti, Sandra e Medrado, Benedito. (orgs) **Homens e masculinidade: outras palavras.** São Paulo: Ecos editora, 1998. pág 145-162.
- MEDRADO, B et al. Homens, por quê? Uma leitura da masculinidade a partir de um enfoque de gênero In: MAC, Arthur. **Perspectivas em saúde e direitos reprodutivos.** Sem local: Fundação MacArthur, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento.** 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 269 p.
- MINAYO, M. C. S. e SANCHEZ, O. . Quantitativo & Qualitativo: Oposição Ou Complementaridade ?. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio De Janeiro, v. IX, n. 3, p. 239-262, 1993.
- NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. **Em busca do pai: um estudo sobre a paternidade adolescente.** [Dissertação de mestrado] Rio de Janeiro, Instituto Fernandes Figueira; 2002.
- NOLASCO, Socrates. Masculinidade, em fim de século. In: SILVA, Dayse. **Saúde sexualidade e reprodução.** Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Comité Preparatorio del período extraordinario de sesiones de la Asamblea General sobre la infancia. Un mundo apropiado para los niños (2000)** Disponível em: < www.onu.org> . Acesso em 10 de janeiro de 2007.

_____ **Sessão extraordinaria sobre as crianças. O desenvolvimento na primeira infância.** Nova York, 2002. (Disponível em: < www.onuportugal.pt/> . Acesso em 10 de janeiro de 2007.

PERES, Vanúzia, Leal. Desenhos de família. In.: SOUZA, Sônia M. Gomes e RIZZINI, Irene. **Desenhos de família. Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2001. pág 73-94.

QUADROS, Marion. **Construindo uma nova paternidade? As representações masculinas de pais pertencentes às camadas médias de uma escola alternativa do Recife/PE.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

RIZZINI, Irene. Crianças, adolescentes e suas bases familiares: tendências e preocupações globais In.:Souza e Rizzini (orgs) **Desenhos de família: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais.** Goiânia: Cãnone editorial, 2001 pág. 23-44.

SARAIVA, E. **Paternidade e masculinidade: tradição, herança e reinvenção.** 1998. Dissertação de mestrado, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SIQUEIRA, M. J. T.; MENDES, D.; FINKLER, I.; GUEDES, T. & GONÇALVES, M. D. S. (2002). Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: Onde está o pai? In.: **Estudos de Psicologia** (Natal), 7(1), 65-72.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Situação Mundial da infância 2001.** Brasília: UNICEF, 2001.

- VILLAS, Alejandro Marcelo Sexualidad, reprodución y paternidad: una introducción al análisis de la demanda social en las relaciones de género. In.: SILVA, Dayse (org) **Novos contornos do espaço social: gênero, geração e etnia.** Rio de Janeiro, UERJ, 1999. pág 7-22.
- VILELLA, Wilza Vierira e ARILHA, Margaret. **Sexualidade, ou das surpresas que o sexo nos reserva.** São Paulo; 2002 (mimeo)
- ZOBOLI, Elma Lourdes Campos. A redescoberta ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. São Paulo, **Revista de Enfermagem da USP**, nº 38, 2004. pág 21-27.

Ministério da Saúde

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Fundação Oswaldo Cruz

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Instituto Fernandes Figueira

Escola de Serviço Social

Serviço Social

Núcleo de Estudos e Ações

em Saúde Reprodutiva e Trabalho Feminino

PROJETO INTEGRADO DE PESQUISA

Roteiro

Local da entrevista:

- *Dados do entrevistado*

Idade:

- () até 17 () 18–25 () 26-30 () 31-35 () 36-40 () 41–45
 () 46-50 () 51 ou mais

Escolaridade:

- () não alfabetizado
 () ensino fundamental completo (1º grau) () ensino fundamental incompleto (1º grau)
 () ensino médio completo (2º grau) () ensino médio incompleto (2º grau)
 () ensino superior completo () ensino superior incompleto
 () pós-graduação

Ocupação: _____

Trabalha: () Sim () Não

Vínculo empregatício: () Sim () Não

Carga horária de trabalho semanal: () até 20 horas () 21-40 horas () 41 ou mais

Salário: menos de 1 SM() de 1 a 3 SM() de 3,1 a 5 SM() + de 5,1 SM()

Renda Familiar: menos de 1 SM() de 1 a 3 SM() de 3,1 a 5 SM() + de 5,1 SM()

Vínculo com a moradia: próprio() alugado() cedido ()

outros: _____

Nº residentes na casa: _____ **Nº cômodos:** _____

Saneamento: () Sim () Não **Luz:** () Sim () Não

- *Perfil da paternidade*

Idade em que teve o primeiro filho:

() até 17 () 18-25 () 26-30 () 31-35 () 36-40 () 41-45

() 46-50 () 51 ou mais

Número de filhos: () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 ou mais

Número de enteados: () 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 ou mais

Visão de paternidade

O que o levou a ser pai?

Há uma idade ideal para ser pai? Mencione e explique por que?

Fale de como você se sente sendo pai.

Fale sobre a gestação de seus filhos

Quais as mudanças ocorridas em sua vida a partir da paternidade?

Aspectos sociais da paternidade

Comente com quem fica a guarda dos filhos em uma separação. Por que?

Quem estabelece as atividades a serem desenvolvidas pela criança em casa? Por que?

Quem acompanha estas atividades? Por que?

Os problemas apresentados pela criança são resolvidos por quem? como?

Lembra de ter visto outros homens cuidando de crianças?

Relações com a companheira

Fale do seu relacionamento com sua companheira.

Cite as dificuldades de seu relacionamento.

Alguma vez você agrediu ou foi agredido por sua companheira? Como?

Relações com o filho

Quais as atividades que você realiza com seu filho?

O que você deseja para o futuro do seu filho?

Quais as mudanças ocorridas a partir do nascimento do segundo filho.

Se filhos de uniões diferentes: como se relaciona com cada um?

Qual a data de nascimento dos filhos?

Em que série eles estão na escola?

Quais as preferências alimentares de cada um?

Finalizando...

Gostaria de acrescentar algo?

INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA - FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

“A cara do pai: um estudo sobre os discursos de paternidade junto a homens cujos filhos foram submetidos a cirurgias em um hospital de alta complexidade”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da criança: _____ Prontuário: _____

Nome do pai: _____

Na qualidade de responsável pela criança acima citada, autorizo a equipe de Serviço Social do Instituto Fernandes Figueira, a realizar uma entrevista e/ou preencher o respectivo questionário, com o objetivo de identificar elementos relativos à paternidade. Os resultados desta pesquisa irão colaborar na análise dos fatores que influenciam diferentes relações sobre a paternidade.

Declaro que me foi explicado que o conteúdo das entrevistas não permitirão minha identificação ou do meu filho e que o sigilo sobre nossa identidade será mantido.

Declaro que li e entendi o que me foi explicado e autorizo minha inclusão na pesquisa e que fui informado de que posso negar-me a participar da mesma sem prejuízo para o tratamento.

Autorização.

Eu, (nome) _____, na qualidade de pai da
criança _____, identidade: _____,
autorizo a inclusão de minha pessoa na pesquisa sobre paternidade.

Responsável pela pesquisa: Aline de Carvalho Martins. Identidade nº 10162657-0 IFP/RJ.
